

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS

Alisson Luiz Prata Amorim

**ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA COMO FOMENTADORA DA
CONSERVAÇÃO AMBIENTAL**

Estudo de caso Feira Agroecológica Raízes do Campo,
Jaboticatubas, Minas Gerais.

Belo Horizonte
2017

Alisson Luiz Prata Amorim

**ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA COMO FOMENTADORA DA
CONSERVAÇÃO AMBIENTAL**

Estudo de caso Feira Agroecológica Raízes do Campo,
Jaboticatubas, Minas Gerais.

Monografia apresentada ao curso de graduação em Ciências Socioambientais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Socioambientais.

Orientadora: Profa. Heloísa Soares de Moura Costa

Belo Horizonte
2017

Dedico este estudo às minhas filhas Ingrid e Isabela por representarem além de meus amores, o futuro da sociedade e a busca de novos caminhos e à minha esposa Cida, pelo companheirismo e por compartilhar mais um momento de alegria em nossas vidas.

Dedico também aos amigos de curso com todas as discussões que o curso proporciona.

Lista de siglas e acrônimos

ACCMV - Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida

ANDIFES - Conselho Pleno da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior

APP – Área de Proteção Permanente

CFES – Centro Nacional de Formação e Apoio à Assessoria Técnica em Economia Solidária

CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil

COFECON – Conselho Federal de Economia

CUT – Central Única dos Trabalhadores

EPS – Economia Popular Solidária

FARC – Feira Agroecológica Raízes do Campo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INESC - Instituto de Estudos Socioeconômicos

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

OGMs - Organismos geneticamente modificados

ONG – Organizações Não Governamentais

PANC - Plantas Alimentícias Não Convencionais

RMBH - Região Metropolitana de Belo Horizonte

RPDMJ - Revisão do plano diretor do município de Jaboticatubas

SMMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

Lista de imagens

Figura 1 - A Feira mudou no seu dia-a-dia, sua relação com o meio ambiente? Se sim, o que?.....	53
Figura 2 - Qual manejo você faz? (para resíduos de produção).....	55
Figura 3 – A maneira que produz contribui para conservação ambiental? De que maneira (como contribui)?	55
Foto 1 - Feira Agroecológica Raízes do Campo, praça N. Sra. Conceição. (2017) ..	23
Foto 2 - Conjunto da Feira Agroecológica Raízes do Campo. (2017).....	27
Foto 3 - Queimada próximo do condomínio Canto da Siriema. (2016).....	29
Foto 4 - MG 20. Queimada se alastrando a partir da via, (2017).....	29
Foto 5 - Barraginha construída para contenção de água pluvial. (2017).....	30
Foto 6 – Fazenda Bamburral, vista de estufas para produção agrícola. (2017).....	32
Fotos 7 e 8 – Vista MG 20. Resíduos sólidos dispostos pela lateral da via. (2017).....	33
Foto 9 – Central de resíduos sólidos do condomínio Canto da Siriema. (2017).....	33
Foto 10 – Posto de coleta de resíduos sólidos – Recanto do Sabiá. (2017).....	34
Foto 11 - Manifestação pela implantação da coleta seletiva em Jaboticatubas. (2017).....	34
Gráfico 1 - Crescimento populacional do município de Jaboticatubas desde o ano de 1991 até 2010. (IBGE).....	3
Gráfico 2 – Pesquisa municípe. Universo da pesquisa por sexo.....	42
Gráfico 3 – Você se preocupa com as questões ambientais?.....	42
Gráfico 4 – De 0 a 5 que nota você daria para questões relativas ao meio ambiente em Jaboticatubas?.....	42
Gráfico 5 - De 0 a 5 que nota você daria para questões relativas ao meio ambiente de onde mora?.....	43
Gráfico 6 - O que faz com o lixo que produz?.....	43

Gráfico 7 - Você sabe qual o destino do lixo?.....	43
Gráfico 8 - Sabe o que é coleta seletiva?.....	43
Gráfico 9 - Como conheceu sobre coleta seletiva?	44
Gráfico 10 - Preocupa em comprar produtos que agredem menos o meio ambiente?.....	44
Gráfico 11 – Você saberia citar algum problema em relação ao meio ambiente na cidade?.....	45
Gráfico 12 - Conhece entidade/organização que age a favor de melhoria ambiental na cidade?.....	45
Gráfico 13 - Se sim qual?.....	45
Gráfico 14 - Sabe o que é vegetação nativa?.....	46
Gráfico 15 - Já ouviu falar sobre desaparecimento das abelhas?.....	46
Gráfico 16 - Acha saudável produto alimentício industrializado?.....	46
Gráfico 17 - Você compra produtos na Feira?.....	47
Gráfico 18 - Se sim, quantas pessoas usufruem dos produtos?.....	47
Gráfico 19 - Você acha que há relação pobreza e meio ambiente?.....	48
Gráfico 20 - Você acha que as ações da AMANU/Feira estão?..... (opções no gráfico)	48
Gráfico 21 - De 0 a 5, qual a nota você daria para a Feira Agroecológica Raízes do Campo e a AMANU em influenciar e esclarecer sobre questões ecológicas?.....	49
Gráfico 22 - A Feira Agroecológica Raízes do Campo é algo... Positivo ou negativo para o município?.....	49
Gráfico 23 – Produzia de maneira diferente?.....	50
Gráfico 24 - Se sim, como produzia?.....	51
Gráfico 25 – Como produz agora?.....	52
Gráfico 26 – A Feira mudou no seu dia-a-dia, sua relação com o meio ambiente?..	52
Gráfico 27 – Onde produz?.....	53

Gráfico 28 - Quantas pessoas da família também são envolvidas com a Feira?.....	54
Gráfico 29 - Sua produção gera algum resíduo?.....	54
Gráfico 30 - Se sim, qual?.....	55
Mapa 1 – Jaboticatubas na Região Metropolitana de Belo Horizonte – RMBH.....	5
Mapa 2 – Vista aérea - área de abrangência da MG20. De Recanto das Araras à cidade de Jaboticatubas.	6
Tabela 1 - Produtos comercializados na Feira Agroecológica Raízes do Campo.....	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 OBJETIVOS E MÉTODO	8
2.1 PROCEDIMENTOS DO PROCESSO DE PESQUISA	8
3 REFERENCIAL TEÓRICO	10
3.1 A IDEIA DE DESENVOLVIMENTO E CONTRADIÇÕES	11
3.2 A IDEIA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	15
3.3 A ECONOMIA SOLIDÁRIA	18
3.4 AMANU – EDUCAÇÃO, ECOLOGIA E SOLIDARIEDADE	21
4 FEIRA AGROECOLÓGICA RAÍZES DO CAMPO	23
4.1 QUEM SOMOS	23
4.2 A FEIRA E SEU ARRANJO FÍSICO	25
4.3 PRODUTOS ENCONTRADOS NA FEIRA	26
5 ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL, CONFLITOS E PERSPECTIVAS DA REALIDADE LOCAL SUSTENTÁVEL	28
5.1 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
ANEXO	61

Resumo

O objetivo da presente pesquisa é realizar uma abordagem da Economia Solidária, que é muito associada apenas a uma alternativa de inclusão social, trabalho e renda, mas se trata também de um fenômeno econômico e ecológico. Nas cidades brasileiras as contradições sociais motivam este modelo de economia, onde as preocupações ecológicas começam a ganhar maior densidade. Neste contexto, chama atenção a iniciativa da Feira Agroecológica Raízes do Campo, que acontece no centro de Jaboticatubas-MG. Agricultores do município com suas dificuldades e isolamento buscam através da construção de um projeto coletivo, exercer seu trabalho, a conservação de suas culturas e seus saberes tradicionais. Ao mesmo tempo articulam a educação ambiental com a economia popular solidária na construção de um novo mercado, por meio de um modelo que se pretende sustentável e entrelaça campo e cidade. A realidade do processo de urbanização do meio rural em qualquer município lida com externalidades negativas e a necessidade da conservação ambiental. A pesquisa procura entender a percepção das pessoas em relação ao entendimento de problemas ecológicos e compreender como interagem com o meio ambiente, como os afetam e são afetados, como podem colaborar para a sua sustentabilidade. Propõe a discussão se a Feira Agroecológica Raízes do Campo contribui para essa compreensão. Como também, no contexto atual, está sendo necessário rever a relação sociedade-ambiente diante da dimensão ambiental do processo econômico.

Palavras-chave: Economia Solidária, Preservação Ambiental, Jaboticatubas, Ecologia.

ABSTRACT

The main objective of the current work is to accomplish an approach about Solidarity Economy, which is highly associated as only one alternative of social inclusion, work and income, but it also concerns an economic and ecological phenomenon. Amongst Brazilian cities social contradictions motivate this economic model, where ecological precautions begin to gain more density. Within this context, it must be highlighted the initiative of the Agroecological market Raízes do Campo, which takes place in downtown Jaboticatubas – MG. Through collective work, farmers from the county facing difficulties and isolation seek out to do their jobs, the conservation of their crops and their traditional knowledge. At the same time, they relate environmental education with popular and solidarity economy in the construction of a new market, through a model which is intended to be sustainable and focused on intertwining cities and countryside. The reality concerning urbanization processes of rural areas in any county deals with negative externalities and the necessity of conserving the environment. The research seek out to understand the perception of people according to their understandings upon ecological problems and to comprehend how they interact with the environment, how they affect and get affected by it and how they can collaborate with its sustainability. Furthermore, the research comes up with the discussion whether the Agroecological market Raízes do Campo contributes to this comprehension. As well, in the current context, it is being necessary to review the society-environment relation due to the environmental dimension of the economic process.

Key words: Solidarity Economy, Environmental Preservation, Jaboticatubas, Ecology.

1 INTRODUÇÃO

A Feira Agroecológica Raízes do Campo (FARC), que durante a realização da pesquisa em 2017 completa quatro anos de formação, está no escopo deste trabalho que dialoga com a importância de conscientizar sobre a responsabilidade individual e coletiva do tema ambiental. Torna-se assim, necessário rever a relação sociedade-ambiente diante da interferência do processo econômico no ambiente. No processo de pesquisa procura-se identificar tendências hegemônicas e contra-hegemônicas que problematizam as noções de desenvolvimento, modernização, desenvolvimento sustentável e natureza *versus* cultura. As mudanças nos hábitos preservadores de paradigmas correlatos ao modelo de produção agropecuário hegemônico¹, a maneira de consumo, hábitos de municípios e empreendimentos que possam estar alterando suas relações com o meio ambiente e seus impactos. Propõe apurar a percepção do que é vegetação nativa, paisagem, respeito pelas pessoas e organizações, a conservação ambiental. Trazer a análise socioambiental abordando a sustentabilidade, a disposição do lixo, o desmatamento, a poluição de alguma forma. Fatores de importância para um ambiente de saúde podem ser alterados por diversas influências como o acúmulo de resíduos, degradação ambiental, descaracterização da paisagem, aumento da densidade demográfica.

Jaboticatubas, município mineiro abaixo dos 20 mil habitantes (IBGE, 2013), como a grande parte de municípios brasileiros, tem 80% de seu território enquadrado como área de preservação ambiental onde fazem parte APP e o Parque Nacional da Serra do Cipó. O município tem grande sazonalidade no número de visitantes provocando impactos na relação com o meio ambiente em períodos de ocupação que através da capacidade da logística industrial, uma mistura de disponibilidade e possibilidade, serve às áreas rurais, áreas de proteção, proporcionando ampliação do consumo junto à ocupação territorial. O saneamento também se apresenta como possível problema ambiental que na maioria das vezes é usado a fossa negra. Alguns condomínios tem a iniciativas de fossas sépticas. O aumento dos resíduos sólidos na região de ocupação do perímetro urbano da cidade de Jaboticatubas e suas áreas de adjacências, aqui delimitada, vem sendo também

¹ Industrialização da agricultura – agronegócio - uso do kit de agroquímicos como fertilizantes a base de petróleo e pesticidas. No Brasil, este modelo ganha força principalmente a partir dos anos 1960 e combina a grande exploração agrícola com o estímulo ao uso de insumos químicos e industriais.

alterada e pode-se estar apresentando novas dinâmicas a seu mosaico territorial e social.

O escopo do estudo é espacialmente demarcado a partir de um perímetro que se mostra crescente em urbanização e próximo à cidade de Jaboticatubas; conforme Macedo (2009) influenciado pelas transformações recentes no Vetor Norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). A área de influência que é delimitada para o estudo tem a MG20 como fluxo de ascendência de novos empreendimentos e uma ligação mais intensa em relação à cidade de Jaboticatubas no sentido do centro urbano do município. Detalhando o complexo territorial apresentado, na rota MG20 encontra-se a partir do condomínio Recando das Araras: Bamburral, Boa Vista, Alto do Lucas, Recanto do Sabiá, Sítio Vovô Dubin, Lucas, Canto da Siriema, Parque das Águas de Serra Morena até entrada da cidade de Jaboticatubas onde seu entorno direto admite várias atividades rurais e urbanas.

Assim também não se pode deixar de fazer conexões com adjacências onde se situa a Reserva Real, um grande empreendimento no setor de *resorts* e seus possíveis impactos.

Conforme a revisão do plano diretor de Jaboticatubas entre 1991 e 2000, a população do município cresceu a uma taxa média anual de 0,69%. No Estado esta taxa foi de 1,01%, enquanto no Brasil foi de 1,02%, no mesmo período. Na década, a taxa de urbanização do município passou de 39,39% para 52,59%. (RPDMJ²).

O contraste da taxa média anual 0,69% de crescimento populacional com a taxa de urbanização que passa de 39,39% para 52,59% refletem o crescimento dos condomínios e loteamentos, inclusive de ocupação de áreas de APP.

Aponta também uma taxa média anual de crescimento populacional, entre 2000 e 2010, de 2,39%, enquanto no Brasil foi de 1,01%, no mesmo período. Nesta década, a taxa de urbanização do município passou de 52,59% para 62,68%. Em 2010 viviam, no município, 17.134 pessoas. (RPDMJ. Prefeitura de Jaboticatubas et. al.)

É presumível conforme a diferença dos períodos, que o aumento populacional de 0,69 para 2,39% no período 2000 e 2010, é influenciado por pessoas que trocam BH ou outra cidade, para morar em área rural. O crescimento da

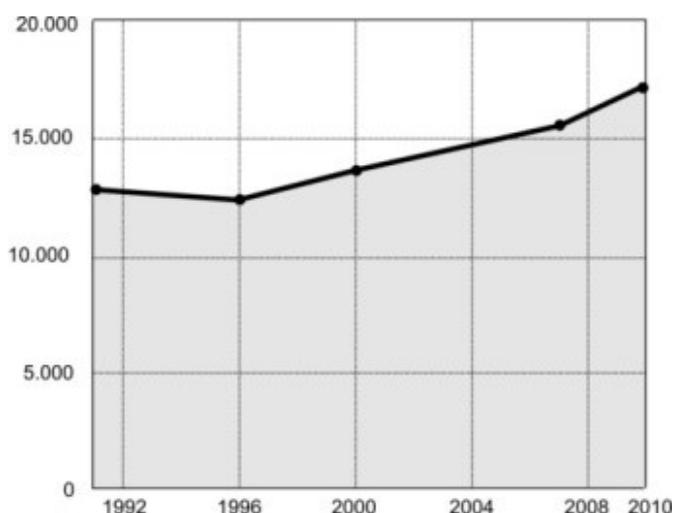
² RPDMJ. Disponível em:

http://www.jaboticatubas.mg.gov.br/jaboticatubas.mg.gov.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&id=76:revis%C3%A3o-do-plano-diretor

urbanização do município que em 2010 alcança 62,68% mostra a contínua expansão dos chacreamentos e loteamentos, permitindo inverter a lógica de uso e ocupação do solo que era tradicionalmente rural, expandido o perímetro urbano e urbanizando áreas rurais com implantação de condomínios.

Conforme a RPDMJ e o Censo de 2010 entre os 10.554 domicílios levantados, 38 são coletivos e 10.516 particulares. Entre os domicílios particulares, 5.107 não estão ocupados. Destes, 4.084 são de uso ocasional e os demais são vagos. Cerca de 39% dos domicílios particulares em Jaboticatubas se destinam a lazer de fins de semana e temporadas de veraneio, sazonalidades. Dos domicílios particulares 5409 estavam ocupados à época do censo. Nestes, a média de moradores é de 3,15 (RPDMJ.2016).

Gráfico 1 - Crescimento populacional município de Jaboticatubas de 1991 até 2010.



Fonte: IBGE, 2010.

Macedo (2009) em sua tese de mestrado intitulada "Dinâmica do Uso e Ocupação do Solo em Jaboticatubas/MG: Mercantilização³ da Natureza como Agente de Expansão Urbana", revelou que os condomínios fechados e chacreamentos representam um dos principais vetores de transformação que estão em curso. O discurso de retorno ao verde, a realidade de irregularidades e a falta de

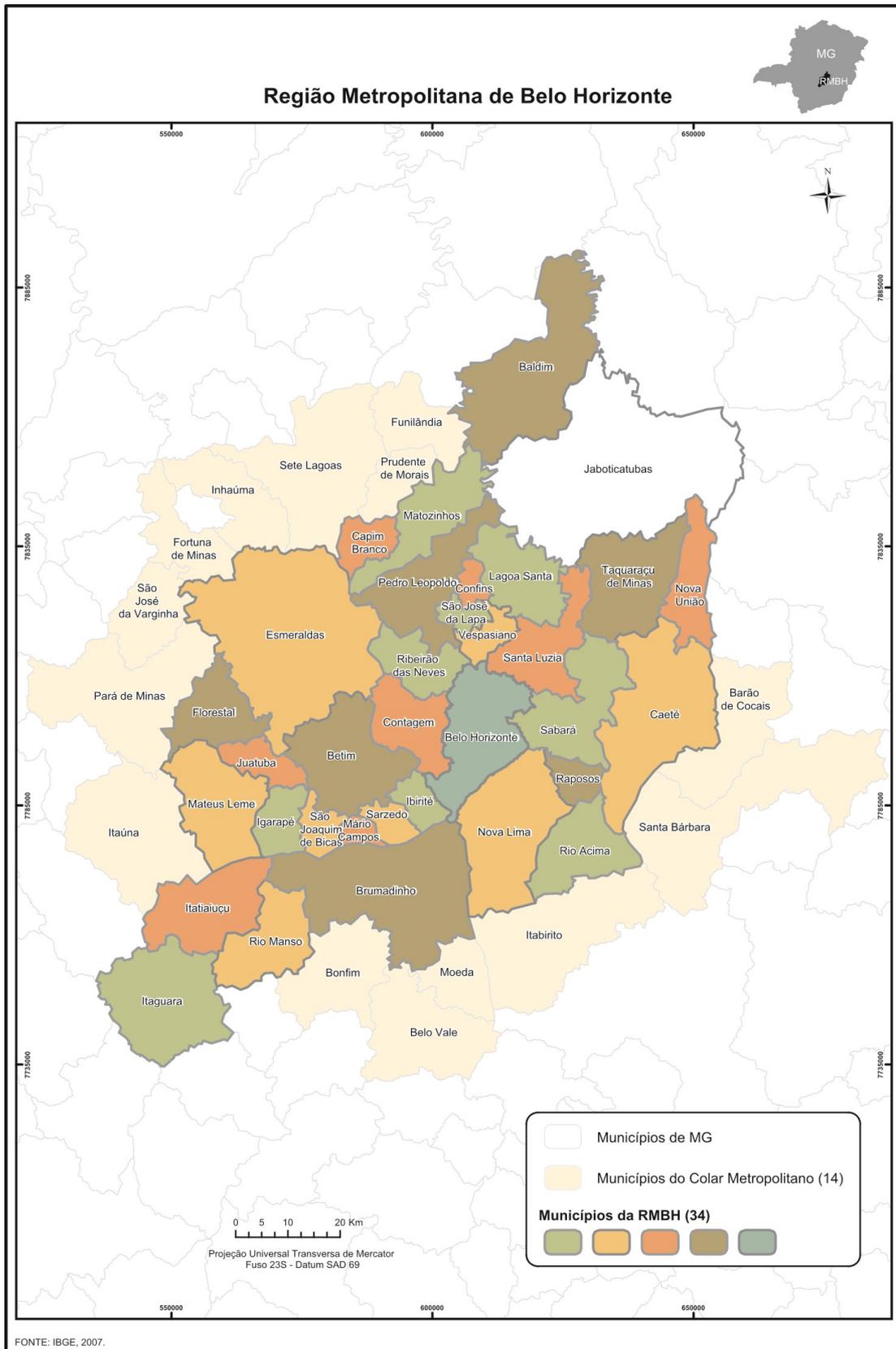
³A mercantilização da natureza relaciona-se com o "processo de integração, de subordinação ao capitalismo, de um setor por longo tempo exterior, solidariamente, com a integração da agricultura interna (salvo as periferias), à indústria e ao capitalismo". (LEFEBVRE, 2001, p.167). Trata-se de um novo setor de produção e consequentemente de dominação. O crescimento da especulação imobiliária acabou encontrando uma nova forma de lucrar com as áreas verdes próximas aos grandes centros urbanos se valendo desse discurso ecológico. (MACEDO, 2009)

uma gestão urbano-ambiental eficaz é antiga e já gerou resultados irreversíveis à qualidade socioambiental do município em questão. Jaboticatubas/MG, nas últimas décadas, vivenciou um processo de redefinição de uso, onde o agrário deu lugar ao residencial, ainda que sob a forma de segunda residência ou casa/sítio para fim de semana. Este processo de redefinição de uso se relaciona com o atual contexto de valorização do Vetor Norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH)⁴.

Cerca de 39% dos domicílios particulares em Jaboticatubas se destinam a lazer de fins de semana, desencadeando expressiva sazonalidade. Esse procedimento movimentava o comércio, incrementa o ambiente rural e urbano e evidenciam seus impactos quanto a resíduos sólidos, uso da água e também a falta de saneamento básico.

⁴ RMBH- Região Metropolitana de Belo Horizonte. A RMBH é constituída por 34 municípios: Baldim, Belo Horizonte, Betim, Brumadinho, Caeté, Capim Branco, Confins, Contagem, Esmeraldas, Florestal, Ibirité, Igarapé, Itaguara, Itatiaiuçu, Jaboticatubas, Juatuba, Lagoa Santa, Mário Campos, Mateus Leme, Matozinhos, Nova Lima, Nova União, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Rio Manso, Sabará, Santa Luzia, São Joaquim de Bicas, São José da Lapa, Sarzedo, Taquaraçu de Minas e Vespasiano. (PBH, 2017)

Mapa 1 – Jaboticatubas na Região Metropolitana de Belo Horizonte – RMBH.



Fonte: PBH. Disponível em:

http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/produtos/1_mapa_região_metropolitana_colar_bh_a3_0.pdf. Acessado em: out/2017.

Mapa 2 – Vista aérea - área de abrangência da MG20. De Recanto das Araras à cidade de Jaboticatubas.



Fonte: Elaborado a partir do Googlemaps. (2017). No mapa, é possível observar quanto a região está alterando seu mosaico territorial com a implantação de condomínios residenciais e a expansão da área de desenvolvimento industrial margeando a MG20.

Este trabalho, além da presente introdução, que apresenta a contextualização e descrição socioambiental, tem o objetivo de subsidiar as reflexões e a abordagem por aspectos teóricos da economia popular solidária, da ecologia política e da economia ecológica, buscando-se as correlações existentes entre eles. Apresenta também, no segundo tópico, os objetivos e método, onde são demonstrados os procedimentos do processo de pesquisa. No terceiro tópico, referencial teórico, são apresentados aspectos conceituais que fazem parte da discussão temática em torno do chamado desenvolvimento e possíveis interpretações e suas correlações ao ponto de vista da Economia Popular Solidária e apresenta a AMANU – Educação, Ecologia e Solidariedade, uma ONG. De forma descritiva o quarto tópico aborda o estudo de caso a Feira Agroecológica Raízes do Campo: os aspectos organizacional, físicos, humanos da Feira. A feira e sua atuação enquanto coletividade, seus aspectos políticos e de produção. O quinto tópico, abre a discussão sobre as questões socioambientais, vislumbra as questões ecológicas conflitantes em Jaboticatubas e atividades da AMANU. Para isso, escolheu-se investigar alterações nas relações socioespaciais em Jaboticatubas e a partir da atuação da AMANU e Feira Agroecológica Raízes do Campo, identificar e qualificar influências e mudanças ocorridas, e a partir dos resultados, investigar a percepção das questões ecológicas e, por fim, contribuir para melhor conhecimento da realidade socioambiental local.

2 OBJETIVOS E MÉTODO

Os objetivos da pesquisa buscam agregar conhecimento ao investigar a economia solidária em uma perspectiva socioambiental, em uma delimitação espacial também pouco tradicional em relação a estudos na Serra do Cipó. Assim também os objetivos específicos como o de verificar percepções em relação à conscientização ecológica do munícipe; identificar participantes da FARC; o que produz, como produz, sua realidade antes e pós Feira, se realizou transição de modelo; benefícios identificados; sistematização de informações sobre alterações e mudanças no contexto ambiental, na cidade e entorno.

A pergunta de pesquisa questiona se a Feira Agroecológica Raízes do Campo estaria sendo capaz de provocar mudanças na maneira como se lida com o meio ambiente na cidade e sua expansão urbana.

A hipótese trabalhada assume a Feira como impulsionadora de valores ecológicos e provocando mudanças nos hábitos, na relação homem-ambiente natural, provocando a melhora da qualidade ambiental em que o rural e urbano se encontram.

A importância deste estudo pode ser justificada devido ao recente processo de urbanização que acontece junto à retomada do tema ambiental na cidade de Jaboticatubas. Abordar a Economia Popular Solidária através de uma iniciativa que tem demonstrado abrangência na propagação de práticas que motivam percepções ecológicas, transversalmente a um modelo de economia sustentável e solidária que se entrelaça entre campo e cidade.

2.1 PROCEDIMENTOS DO PROCESSO DE PESQUISA

1. Definir como atores sociais da pesquisa: AMANU, munícipes e integrantes da Feira.
2. Identificar influência da Feira na promoção de políticas públicas para o desenvolvimento sustentável no município.
3. Implementar técnicas de levantamento quantitativo e qualitativo para estudo que terão como suporte entrevistas semiestruturadas.

4. Investigar a Feira na memória do munícipe. Relação Feira e consciência ecológica.
5. Pesquisar iniciativas em processos e soluções que possam ser identificadas como adequação e/ou melhorias na manutenção da qualidade ambiental (implantação de coleta seletiva, captura de água de chuvas, preservação de vegetação nativa,).
6. Reconhecer alterações de modelos nas atividades produtivas, nas ações da AMANU, dos colaboradores e produtores no sentido que visem aumentar a adoção de comportamentos pró-ambientais, ou seja, comportamentos que tenham como meta a redução de impactos ambientais a curto e longo prazo (terapia dos animais, maneiras de cultivo).
7. Realizar levantamento fotográfico documental.
8. A delimitação espacial apresentada pretende proporcionar um cenário amostral rural de influência e transformação urbana.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Por uma perspectiva histórica, tem-se que no final da década de 80, no Brasil, um processo contínuo evidenciando aproximação com as questões ambientais. Em 1992, o evento mais conhecido relacionado ao meio ambiente no Brasil, a ECO – 92 é sediada no Rio de Janeiro. Aprovaram-se documentos importantes sobre a defesa da natureza, da biodiversidade e do clima, a Agenda 21 e a Declaração de Princípios das Florestas. Depois da Conferência Rio-92 o desenvolvimento sustentável encontra-se em pauta, a agenda ecológica torna-se diversificada e complexa. Assim também em 2004, em Belo Horizonte, é criada a AMANU - Educação, Ecologia e Solidariedade.

O município de Jaboticatubas inserido na região usualmente conhecida como Serra do Cipó - Cadeia do Espinhaço – MG, é caracterizado pela riqueza de suas águas e endemismo dos campos rupestres, compreendidos no Bioma Cerrado. Segundo IBGE/2008, faz parte da Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, com parques e áreas de proteção ambiental, como o Parque Nacional da Serra do Cipó. Toda essa geografia, de vegetação diversa, montanhas, rios e cachoeiras se mostra atrativa, tanto de bem estar, quanto de valorização de capital.

Esta vontade de estar na natureza estimula a ocupação territorial no município com implantação de diversos condomínios residenciais e rurais. Este ritmo e modo de ocupação vem se ampliando fruto do desenvolvimento e crescimento econômico onde conforme Sachs (2000), ganha expansão e é visto como se existisse por si só, sem que houvesse interesses e atores sociais com forças e poderes diferenciados (SACHS, 2000). No entanto, essa noção de desenvolvimento começa a ser questionada em relação aos danos gerados advindos desse processo desenfreado de consumo e de industrialização, o qual as técnicas e as tecnologias começam a demonstrar falhas desastrosas tanto para os homens quanto para o ambiente natural (LIPIETZ, 2002).

3.1 A IDEIA DE DESENVOLVIMENTO E CONTRADIÇÕES

Duarte (2005) aborda o otimismo desenvolvimentista, apresentando a problemática da seguinte forma: Quando e como a produção e a industrialização foram lançadas como a chave para a paz e para a prosperidade mundial? Trata do otimismo desenvolvimentista no pós 2ª Grande Guerra (com a Europa parcialmente destruída e os EUA emergindo como potência econômica e hegemônica no sistema capitalista mundial). O fundamento principal foi o discurso de Harry Truman em Janeiro de 1949, que projetara um receituário desenvolvimentista baseado em princípios de distribuição justa e democrática e iniciando uma espécie de corrida desenvolvimentista, em que os subdesenvolvidos deveriam alcançar os desenvolvidos. Estabeleceu-se um padrão para o julgamento de todas as outras sociedades, com indicativos do que lhes faltava e do que deveriam fazer para alcançar o nível desejado de desenvolvimento. Tanta generosidade vinha do otimismo frente às promessas da Ciência e como fórmula mágica para os males da sociedade. Tanto a ciência quanto a tecnologia eram apresentadas como práticas neutras e isentas, detentoras de verdades e preceitos incontestáveis. O discurso desenvolvimentista tornar-se-ia uma das práticas históricas, mas recorrentes e uma das representações mais bem sucedidas do nosso mundo contemporâneo (DUARTE, 2005).

Almeida (1995) mostra que a noção de progresso, que foi do século 18 aos 20, sucessivamente associada às ideias de perfeição, evolução, crescimento, não é mais hoje automática nem unicamente aplicada a uma sequência histórica, generalizável para todos os povos e sociedades. A crise da noção de progresso leva a imaginá-lo como caracterizando etapas sucessivas de uma mesma civilização. E, além disso, a evolução do modo de vida compreende numerosas dimensões que não têm nenhuma razão para evoluírem positivamente e ao mesmo tempo. Pode-se enriquecer às custas de um trabalho longo e mais penoso, que polui, degrada e encurta a expectativa de vida. Mas pode-se ganhar menos, vivendo melhor, com menos degradação ambiental e melhor qualidade de vida. Onde está o progresso? As “crises” ambiental, econômica e social colocam em xeque esta noção do progresso. Nesse sentido, o progresso e seu conjunto de ações produtoras das melhorias das sociedades “modernas” também são responsáveis no século 20 pelo esgotamento da ideia mobilizadora. Na verdade, esse termo

corresponde a uma situação própria particular das sociedades industriais. Do mesmo modo a noção de crescimento é insuficiente para dar conta das transformações estruturais dos sistemas socioeconômicos, pois apenas leva em consideração a produção sob o aspecto quantitativo. (ALMEIDA, 1995)

Alier (2007), nos mostra que quando se fala da admissão de resíduos no meio ambiente, isto é, da poluição; os economistas frequentemente empregam o termo externalidades. Um dos primeiros, exemplos de externalidades, aparecido em textos da década de 1920, foi o seguinte: um agricultor que cultive um pomar junto ao qual um apicultor crie abelhas; sem que o queiram necessariamente e sem nenhuma transação mercantil, beneficiara-se mutuamente. Externalidade é um benefício que não tem uma valoração crematística⁵, mas que poderia ter. Não é costume cobrar direito de pasto às abelhas, nem tampouco cobrar pela polinização que elas realizam. Não é costume, mas poderia ser. Também existem "externalidades" negativas: a fumaça exalada por uma fábrica; provocando perda da saúde ou sujando a roupa no varal, não tem um valor crematístico na contabilidade de custos da empresa. Mas poderia ter. Parece difícil atribuir um valor determinado à saúde, mas as companhias de seguros, nesta sociedade, põem-lhe preço. Os economistas, em seu imperialismo crematístico, propõem inclusive que os efeitos externos sejam reduzidos a dinheiro ou preços. Tal seria o caso, por exemplo, com relação à destruição de uma paisagem ou ao aumento de ruído que seria produzido pela construção de uma rodovia. Não há mercado para "produtos" desse tipo, mas seria possível realizar uma pesquisa de opinião e computar os preços que todos os afetados estariam dispostos a pagar para desfrutar da vista da paisagem, para evitar o aumento do barulho, acrescentando-se esses valores ao custo daquela construção.

Depois de ter tentado domesticar a natureza, agora temos de aprender a domesticar o próprio progresso, o que supõe considerar sempre seus dois lados: o de solução para crises e o de fator de crises ecológicas (Lipietz, 2002, p.19).

Os conceitos compõem campos dinâmicos onde ocorrem disputas e tensões entre dominantes e pretendentes, o que confere a existência de perspectivas teóricas distintas sobre o desenvolvimento. Conforme Veiga (2005) pode-se

⁵ Crematística é o estudo da formação dos preços nos mercados, como, por exemplo, o estudo do aumento de preços numa situação em que exista um monopólio.

identificar três formas de compreender desenvolvimento: a) desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico; b) desenvolvimento como quimera ou mito; c) desenvolvimento “caminho do meio” que vai contra as perspectivas de reducionismo ao crescimento econômico e também a ideia derrotista de algo inalcançável.

Conforme Veiga (2005) a perspectiva mais frequente até o início dos anos 1960, não diferenciava desenvolvimento de crescimento econômico, tal distinção passa a ser suscitada quando o crescimento de países pobres não reflete o maior acesso de suas populações aos bens materiais e culturais conforme ocorreu nos países considerados industrializados.

A teoria desenvolvimentista quer sejam (neo)liberais ou marxistas, guiaram-se por sociedades ocidentais para propor modelos a ser aplicadas no mundo. A noção de desenvolvimento não se impõe somente como evidente, mas também como universal. O desenvolvimento é um bem uniformizante que se transpassa à modernização em processo contínuo nos países terceiro mundo. A modernização é processo e o desenvolvimento sua política. Almeida (1995) nos mostra que no campo da agricultura, a noção de desenvolvimento encontrou, no decorrer das décadas de 1950 e 1960, nos Estados Unidos e na Europa, um terreno de aplicação particularmente receptivo. Sob a ação conjugada do Estado, das indústrias agroalimentares e de uma camada de agricultores “empresariais”, o setor agrícola se insere cada vez mais no sistema econômico. Para atingir um estágio urbano de modernidade, parâmetro de desenvolvimento por excelência, a agricultura buscou – e busca – integrar-se ao crescimento econômico geral aumentando a produção e sua produtividade. Esse processo muda a agricultura na trama econômica introduzindo novos agentes econômicos que passam a ter papel importante nas relações mercantis e de produção como a indústria química, que produz para a agricultura e transforma-se no final deste século, na chave da agricultura, determinando seus processos. Uma unidade produtiva é mais ou menos moderna ou tradicional, mais ou menos atrasada ou moderna, progride mais ou menos rapidamente na via do desenvolvimento segundo o sistema de produção mais ou menos intensivo que utiliza e põe em prática. De um lado, ao traçar o itinerário (de desenvolvimento) privilegiado que leva às formas de produção intensivas sinônimo de acesso à modernidade. Por outro, ela provoca a desvalorização de todas as formas de produção que não estão baseadas no modelo de desenvolvimento dominante, critérios de sucesso e de avaliação e julgamento. (ALMEIDA, 1995)

Sendo assim, ocorre uma mudança do modo de se entender o desenvolvimento.

Contemporaneamente, modelos com base na agroecologia, como a agricultura sintrópica e a permacultura,⁶ se integram às iniciativas de comunidades, agricultores, produtores e trabalhadores, que defendem costumes de vida em consonância com modos e sabedorias tradicionais e próprias. Dividem o ponto de vista em relação ao modelo de desenvolvimento, de agricultura, de mercado e permitem percepções em relação a diferentes formações discursivas.

Dentro do modelo de desenvolvimento, apontado como moderno ou avançado pela literatura, a diversidade e a diferenciação das formas de produção são consideradas como empecilhos ao desenvolvimento no eixo da modernidade. (ALMEIDA, 1995)

⁶ O conceito de Permacultura foi o produto do trabalho de Bill Mollison e David Holmgren nos anos 1970. Foi uma resposta à crise ambiental que se impunha à sociedade moderna. A publicação de *Permaculture One*, em 1978, foi o ápice daquele trabalho inicial e um ponto de partida para a evolução do conceito e para a emergência do movimento mundial da Permacultura. (HOLMGREM, 2013).

3.2 A IDEIA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O Desenvolvimento Sustentável tem como uma de suas premissas fundamentais o reconhecimento da insustentabilidade ou inadequação econômica, social e ambiental do padrão de desenvolvimento das sociedades contemporâneas (ALMEIDA, 1995). Esta noção nasce da finitude dos recursos naturais e das injustiças sociais provocadas pelo modelo de desenvolvimento vigente na maioria dos países. Mesmo que intensamente trabalhada nos últimos anos demonstrando crescente adesão à ideia, esta é ainda noção genérica e difusa. Portanto, o presente trabalho apresenta a ideia de desenvolvimento sustentável retirado do relatório *Nosso Futuro Comum*⁷ (1987) também conhecido como Relatório Brundtland, que aparece nos seguintes termos: O desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades. Este conceito se apresenta como uma busca de integração sistêmica entre diferentes dimensões da vida social, ou seja, entre exploração dos recursos naturais, o desenvolvimento tecnológico e a mudança social. (ALMEIDA, 1995)

O processo de urbanização e o modelo de economia vigente, igualmente, são atrativos para comunidades que estabelecem outros discursos na formação do espaço e das atividades de produção. Na construção de um novo mercado, várias comunidades tradicionais, reconhecidas ou não, tem na cidade representação e buscam no aporte urbano expressar sua ruralidade e, ao mesmo tempo, a manutenção de relações diferenciadas do mercado hegemônico, mesmo não estando mais distante da pressão da globalização e do capital.

Analisando o contexto, pode-se perceber que a ecologia é um conteúdo real e transpõe os aspectos ideológicos e abre espaço para outra lógica social, onde o desenvolvimento, leva em consideração aspectos éticos, morais e ambientais.

A ecologia no sentido amplo apresenta-se como uma crítica global e radical do modo de produção industrial e de certa forma pretende substituir ideologias dominantes nascidas no século XIX que é o século do cientificismo triunfante e que ela estima ultrapassadas, quando não as torna responsáveis pela crise atual. (DUPUY, 1980, p.15)

⁷ Em abril de 1987, a Comissão Brundtland, como ficou conhecida, publicou um relatório inovador, "Nosso Futuro Comum" – que traz o conceito de desenvolvimento sustentável para o discurso público. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>

No contexto do desenvolvimento sustentável, assumindo a temática da economia solidária como um objeto sujeito a múltiplas possibilidades de compreensão e neste sentido, caminhos para sua discussão e originar a análise, utilizou-se, conforme descreve França Filho (2007), duas maneiras de abordar a economia solidária: enquanto discussão contextual, neste nível a economia solidária é abordada a partir de sua manifestação concreta na realidade, como um problema de sociedade na contemporaneidade do capitalismo. Importa salientar como se situa o assunto em relação a outras questões cruciais da atualidade em diferentes contextos societários, como a crise do trabalho, a exclusão social e o combate à pobreza, a luta contra a desigualdade social e os modos de desenvolvimento local sustentável, etc. Busca-se aqui analisar a economia solidária como fenômeno e prática investigativa situada em contextos específicos. E enquanto metodologia de intervenção: neste nível, a economia solidária é abordada como uma tecnologia social, ou seja, um instrumento ou ferramenta para geração de trabalho, renda e para a promoção de desenvolvimento sustentável em territórios caracterizados por alto grau de vulnerabilidade e exclusão social. A ideia é discutir a economia solidária no nível da própria operacionalidade das iniciativas, no sentido da formatação de técnicas ou tecnologias sociais para o fomento de transformações sociais.

Conforme aborda Almeida (1995), e sem querer simplificar o tema, a discussão sobre o desenvolvimento sustentável hoje está polarizada entre duas concepções principais: o conceito gestado dentro da esfera econômica, sendo a partir desta esfera pensado o social onde incorpora a natureza à cadeia de produção (bem de capital) e o outro, a ideia de tentar quebrar com a hegemonia do discurso econômico e a expansão desmensurada da esfera econômica, indo pra além da visão instrumental, restrita, que a economia impõe à ideia\conceito.

Na realidade brasileira também se insere paradoxo em relação aos aspectos da conservação ambiental e os preceitos de desenvolvimento patrocinado pelo Estado e o modelo de economia global. O crescimento urbano no município e o reconhecimento de novas dinâmicas no mosaico territorial, humano e ambiental propõe a análise. Para compreender algumas dessas ações sustentáveis, neste contexto, chama atenção a iniciativa da Feira Agroecológica Raízes do Campo, que acontece na Praça Nossa Senhora da Conceição, no centro da cidade de Jaboticatubas-MG, que origina uma economia de um novo tipo no município, fruto de

um projeto com a coletividade integrado com a Associação AMANU⁸ – Educação, Ecologia e Solidariedade criada em 2004.

Em 2012 os agricultores do município buscaram se organizar para lidar com suas dificuldades para exercer seu trabalho e tentar diminuir o isolamento para desenvolver um novo mercado. Ação coletiva que, ao mesmo tempo buscou empreender a articulação de Economia Popular Solidária com um modelo rural sustentável motivador da conservação ambiental. Fenômenos sociais e políticos possuem forte conexão com as questões socioambientais e socioespaciais que atualmente são temáticas discutidas em todo o mundo.

Para Leff (2006, p. 408), a atual racionalidade econômica reflete as contradições entre racionalidade ecológica e a racionalidade capitalista que se dão por meio de um confronto de diferentes valores e potenciais, enraizados em esferas institucionais e em paradigmas de conhecimento, e por meio de processos de legitimação. A racionalidade ambiental, segundo ele, não é a expressão de uma lógica, mas a consequência de um conjunto de práticas sociais e interesses que articulam ordens materiais diversas “que dão sentido e organizam processos sociais através de certas regras, meios e fins socialmente construídos”. A racionalidade ambiental é, afinal, um produto “social”. Essa nova racionalidade econômica, citada por Leff, representa os novos significados do processo de produção e reprodução do espaço urbano a partir da “Crise Ecológica”, desde a década de 1980. Essa crise ambiental, segundo Freitas (2004), se expressa com uma angústia da separação da cultura de suas raízes orgânicas, procurando reconstruir a ordem social a partir de suas bases naturais de sustentação. (LEFF apud MACEDO, 2009.)

⁸ AMANU – Educação, Ecologia e Solidariedade é uma associação civil, sem fins lucrativos, que mobiliza e apoia ações coletivas comprometidas com uma sociedade mais justa, ecológica e solidária no município de Jaboticatubas/MG.

3.3 A ECONOMIA SOLIDÁRIA

Conforme Singer⁹ (2001), a economia solidária foi idealizada por operários, nos primórdios do capitalismo industrial, como resposta à pobreza e ao desemprego resultante da difusão “desregulamentada” das máquinas-ferramenta e do motor a vapor, no início do século XIX. As cooperativas eram tentativas por parte de trabalhadores de recuperar trabalho e autonomia econômica, aproveitando as novas forças produtivas. Sua estruturação obedecia aos valores básicos do movimento operário de igualdade e democracia, sintetizados na ideologia do socialismo. A primeira grande vaga do cooperativismo de produção foi contemporânea, na Grã Bretanha, da expansão dos sindicatos e da luta pelo sufrágio universal.

A empresa solidária nega a separação entre trabalho e posse dos meios de produção, que é reconhecidamente a base do capitalismo. A empresa capitalista pertence aos investidores, aos que forneceram o dinheiro para adquirir os meios de produção e é por isso que sua única finalidade é dar lucro a eles, o maior lucro possível em relação ao capital investido. O poder de mando, na empresa capitalista, está concentrado totalmente (ao menos em termos ideais) nas mãos dos capitalistas ou dos gerentes por eles contratados.

A economia solidária surge no Brasil, provavelmente como resposta à grande crise de 1981/83, quando muitas indústrias, inclusive de grande porte, pedem concordata e entram em processo falimentar. É desta época a formação das cooperativas que assumem a indústria Wallig de fogões, em Porto Alegre, a Cooperminas, que explora uma mina de carvão falida em Crisciuna (Santa Catarina) e as cooperativas que operam as fábricas (em Recife e em S. José dos Campos) da antiga Tecelagem Parahyba de cobertores. Todas elas continuam em operação até hoje.

No campo, a agricultura de subsistência praticada em pequenas propriedades familiares não consegue melhorar o padrão de vida dos camponeses e alguns são obrigados a entregar a terra como também, houve a falência de alguns assentamentos. A partir de 1986, começa a discussão de como organizar assentados, com o I Encontro Nacional de Assentados, em que estiveram represen-

⁹ Paul Singer foi professor da Faculdade de Economia e Administração da USP e titular da Secretaria Nacional de Economia Solidária, órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego, a Paulo de Salles Oliveira, professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP, e autor de Cultura solidária em cooperativas. Projetos coletivos de mudança de vida (São Paulo, Edusp/Fapesp, 2006), no dia 23 de setembro de 2007.

tados 76 assentamentos de 11 estados. Apesar da resistência inicial ao cooperativismo “pelas experiências negativas do modelo tradicional do cooperativismo, caracterizado como grandes empresas agroindustriais que desenvolveram uma política de exploração econômica dos agricultores” (CONCRAB, 1999: 6), a discussão evoluiu a favor do cooperativismo, em termos que hoje se diz ser o da economia solidária (Singer, 2001).

Nessa compreensão, Singer afirma que a literatura costuma definir economia solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto. Quando pequenas as cooperativas, não há nenhuma distinção importante de funções, todo o mundo faz o que precisa.

O desenvolvimento de experiências de economia solidária sofreu forte aceleração em 1994, quando a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida [ACCMV¹⁰] resolveu mudar sua tática e, em vez de apenas distribuir alimentos, passou também a fomentar a geração de trabalho e renda. Ela completou em dois anos a mesma evolução que a Cáritas havia feito em quinze, ao passar duma ação assistencial à “solidariedade libertadora”.

Com a intenção de imersão na temática da EPS, participei do seminário do CFES-Sudeste, que ocorreu no período de 19 a 22 de junho de 2017 em Lagoa Santa/MG, articulado nacionalmente pela Cáritas Brasileira. O Centro de Formação em Economia Solidária (CFES) é um projeto da Secretaria Nacional de Economia Solidária/ Ministério do Trabalho e Emprego, que teve início em 2009. Em 2013, a parceria entre a entidade e o governo dá continuidade aos processos de formação como parte do processo de continuidade de articulação e implementação do Centro de Formação em Economia Solidária (CFES Nacional). A atividade contou com dois momentos: a reunião do Conselho Gestor e o Encontro Nacional da Rede de Educadores e Educadoras em Economia Solidária.

¹⁰ ACCMV - fundada pelo sociólogo Herbert de Souza, a partir do Movimento pela Ética na Política, tendo como objetivo a mobilização de vários segmentos da sociedade brasileira na busca de soluções para as questões da fome e da miséria.

A atividade da Cáritas¹¹, apesar de sua amplitude territorial, era desconhecida do grande público, ficando de certo modo restrita à Igreja e às comunidades mobilizadas por ela. A ACCMV era um amplo movimento de massas, o maior do Brasil desde a luta pelas eleições diretas, em 1985, no ocaso da ditadura militar. É curioso notar que de sua Secretaria Executiva Nacional tomou parte a Cáritas (representando a CNBB), ao lado da OAB, da CUT, do INESC, COFECON e da ANDIFES, o que leva a crer que a atividade da Cáritas no campo da economia solidária tenha influenciado na guinada da Ação a favor dela.

Outra categoria desenvolvida pela Cáritas durante o I CFES é a concepção de território. O tema de desenvolvimento territorial aparece no Termo de Referência (2008) como um conteúdo formativo para a Economia Solidária. Já no II CFES, o tema assume papel de relevância em todo o percurso formativo. Essa alteração de status do território tem relação com a articulação da Economia Solidária com as pautas ambientais, as causas dos povos tradicionais e a integração dos sujeitos da ES nas lutas contra projetos com forte impacto sobre modos de vida não hegemônicos, em especial aqueles que “desterritorializam” populações inteiras, exemplo: agronegócio, barragens, mineração, entre outros.

A possibilidade de olhar de perto para onde as relações econômicas nos levam é essencial para acompanhar seus efeitos e entender qual o sentido do desenvolvimento que se está construindo.

¹¹ A **Caritas** Internacional (**Caritas** Internationalis) é uma confederação de 162 organizações humanitárias da Igreja Católica que atua em mais de duzentos países. Coletiva e individualmente a sua missão é trabalhar para construir um mundo melhor, especialmente para os pobres e oprimidos.

3.4 AMANU – EDUCAÇÃO, ECOLOGIA E SOLIDARIEDADE

A Associação AMANU - Educação, Ecologia e Solidariedade é uma associação civil, sem fins lucrativos, fundada em 2004 em Belo Horizonte. Transferida para Jaboticatubas em 2008 propôs mobilizar agricultores familiares, artesãos, produtores artesanais, moradores do campo, povos e comunidades tradicionais, em torno de ações sociais de inclusão bem como a construção de modos de vida mais justos e ecológicos. Reúne hoje voluntários, colaboradores e associados de quatro municípios (Jaboticatubas, Santana do Riacho, Taquaraçu de Minas e Belo Horizonte) e quatorze comunidades rurais de Jaboticatubas/MG. Atuando com a Agroecologia, Agricultura Familiar, Economia Solidária, Construção Ecológica e Tecnologias Sociais.

Atua nos campos da economia popular solidária (EPS), educação popular, agricultura urbana, permacultura com base na agroecologia e ações socioambientais, voltadas à infância, adolescência, juventude e idade adulta (AMANU, 2011). Desta maneira também trás para o centro da agenda do movimento a dimensão pedagógica como parte constitutiva da práxis coletiva, promotora dos sujeitos da EPS.

A promoção de pesquisa e projetos tem o aporte da dimensão metodológica, resultando em publicações temáticas, intercâmbio de experiências, promoção de eventos educacionais, círculo de estudos, cursos, seminários, estabelecimento de parcerias e prestação de serviços com o intuito de fortalecer as organizações populares (AMANU, 2011). Desta maneira, pela formação e assistência técnica as diversas iniciativas solidárias deixam de ser unidades isoladas e se estruturam em uma rede colaborativa em diferentes dimensões com o intuito de fortalecer-se enquanto movimento e projeto de sociedade (CFES. 2017).

Dentre os projetos e ações da AMANU estão projetos como o MOVA-Brasil – alfabetização de jovens e adultos; o alimento do Cerrado – uma cartilha desenvolvida com pesquisa participativa junto às comunidades. Proposta para compartilhar saberes tradicionais sobre os alimentos do Cerrado; O Centro Cultural Comunitário, espaço para realização de ações educativas e culturais e a Feira Agroecológica Raízes do Campo – proposta de desenvolvimento sustentável para o município.

Suas ações são destinadas aos agricultores familiares, extrativistas, população do campo, no sentido de buscar que esses sujeitos sociais assumam seu papel de cidadania na busca de geração de renda, com foco em modelos sustentáveis para o desenvolvimento local.

A Feira Agroecológica Raízes do Campo e a AMANU também integram a "Rede Mundial Terra Madre"¹² onde trabalham para criar um modelo alternativo de produção e consumo dos alimentos, segundo a filosofia Slow Food¹³ do bom, limpo e justo: bom para o paladar, limpo para homens, animais e natureza, e justo para produtores e consumidores. Este projeto de escala global, lançado pelo Slow Food em 2004, reúne comunidades do alimento de 160 Países, que compartilham uma ideia de produção alimentar baseada nas economias locais, que respeite o meio ambiente, os conhecimentos tradicionais, a biodiversidade e o gosto.

Independentemente que se trate da criação de hortas escolares, da produção de mel, da preservação das variedades alimentares nativas ou da realização de novos mercados locais, o trabalho dos pequenos agricultores, pescadores, criadores e artesãos da rede, como também de cozinheiros, educadores e jovens é um ato político, que tem como objetivo um futuro alimentar melhor. (AMAU¹⁴.2016)

¹² Terra Madre é uma rede de comunidades do alimento – grupos de pequenos produtores, acadêmicos, cozinheiros e jovens – unidos pela produção de um alimento específico e com forte ligação com uma área geográfica. Disponível em: <https://www.slowfood.com/network/pt-pt/nossa-rede/reseau-terra-madre/>

¹³ Slow Food - organização de base global, fundada em 1989 para evitar o desaparecimento de culturas e tradições alimentares locais, contraria ao aumento da vida rápida e combate a diminuição do interesse das pessoas nos alimentos que comem, de onde ele vem e como nossas escolhas alimentares afetam o mundo à nossa volta. Disponível em: <https://www.slowfood.com/about-us/>

¹⁴ A AMAU é um coletivo de pessoas, grupos comunitários, organizações, pastorais e movimentos sociais que desenvolvem e apoiam iniciativas de agroecologia na Região Metropolitana de Belo Horizonte. A origem da AMAU remonta a 2001.

4 FEIRA AGROECOLÓGICA RAÍZES DO CAMPO



Foto 1: Feira Agroecológica Raízes do Campo. Praça Nossa Senhora da Conceição. (Amorim. Alisson. 2017)

No centro da cidade de Jaboticatubas, na Praça Nossa Senhora da Conceição, no segundo e quarto sábados do mês, de 8:00 às 15:00hs acontece a Feira Agroecológica Raízes do Campo. A Feira congrega diferentes comunidades, exhibe a diversidade local e mostra o alcance que a feira tem em canalizar as atividades produtoras de áreas rural e urbana proporcionando alternativa de trabalho e renda no município. No sítio da FARC o coletivo se define:

4.1 QUEM SOMOS

Somos agricultores familiares agroecológicos de várias comunidades de Jaboticatubas: Capão do Berto, Espada, Xirú, Almeida, Barreiro, Capão do Sapé, Mato do Tição, Jardim das Oliveiras, Paciência, Maré Mansa, Sede, Capão Grosso, Vila de Santa Rita, Santo Antônio da Palma, São José da Serra. Somos consumidores que assumem sua responsabilidade pela mudança necessária na nossa forma de produção, comercialização e consumo. Somos parceiros interessados em proporcionar esse encontro, essa oportunidade para a construção de uma vida mais saudável para todos nós (FARC, 2012).

A Feira é fruto de iniciativa a partir de análise realizada da comunidade com a associação AMANU - Educação, Ecologia e Solidariedade, no ano de 2012. As contradições dos agricultores no município se somaram a determinados temas como: a CEASA não é mercado para pequeno produtor ou pequena produção diversificada; muitos não se inserem em políticas públicas para a agricultura familiar; já houve uma produção maior, porém essa veio diminuindo devido à falta de incentivos ao agricultor e à vida no campo em geral; a agricultura convencional e seus insumos caros e formador de dependência; a grande diversidade de produtos feitos nas comunidades; a necessidade de mais acesso a mercados; o intuito da venda direta; a produção sem uso de agrotóxicos e a vontade de implementar e prosseguir. Capacitações em agroecologia e encontros comunitários buscaram elementos de trabalhar as questões de forma coletiva.

A Feira Livre (patrimônio cultural e imaterial brasileira) foi escolhida por todos os grupos participantes como a melhor alternativa para encontro do agricultor e do consumidor. Em 2013, tiveram início então os encontros preparatórios para a Feira, após firmar diversas parcerias que a tornaram possível. Os encontros preparatórios¹⁵ da Feira, contaram com a presença de mais de 50 agricultores familiares e 40 apoiadores e parceiros. Foram definidos de forma democrática os dias de feira, o nome e a marca da feira, os rótulos e o regimento interno, e sistematizadas todas as atividades necessárias para que a Feira ocorra (FARC).

Na Feira de Jabó, como já é chamada pelo público frequentador, acontece o encontro entre produtores que produzem com consciência ambiental e social. O público consumidor procura valorizar a saúde ao levar para a casa um alimento de melhor qualidade e produzidos social e ambientalmente de forma menos agressora. A vontade de vincular esforços para um projeto com benefícios econômicos, sociais, ambientais e culturais foi sendo erguido. A Feira Agroecológica Raízes do Campo acontece também em parceria com a Feira de Artesanato, organizada pela Prefeitura Municipal.

¹⁵ Feira Agroecológica Raízes do Campo – Jaboticatubas. Sítio: <http://feirajabo.wixsite.com/raizesdocampo>

4.2 A FEIRA E SEU ARRANJO FÍSICO

A feira é composta de maneira a ocupar os corredores de ligação ao ponto central no desenho da praça. Suas barracas são montadas dispostas em fileiras em um dos lados desses corredores. O produtor, o extrativista, o artesão ou agricultor têm ali seu espaço para expor. Suas barracas de simplicidade e organização ganham vida com a atividade familiar (produção que se caracteriza por ser caseira e mão-de-obra dos próprios membros da família) tanto na produção quanto da oferta. Nestas barracas está o retrato de uma diversidade de atividades e produtos e a recuperação de culturas e processos tradicionais. Nas barracas também é possível observar mais de um produtor dividindo o mesmo espaço e se ajudando mutuamente no atendimento ao visitante.

Este mesmo espaço utilizado como Feira Agroecológica Raízes do Campo se desdobra e se dinamiza como um lugar plural, da economia solidária – trabalho e renda, da educação ambiental, da ecologia, da segurança alimentar, da troca de experiências, conhecimentos e sabedorias e claro também de confraternização. Conforme relato de feirante, a Feira está unindo a cidade e desfazendo antigas rixas.

A Feira Agroecológica proporciona convergência do entrelaço das relações do rural com o urbano, estabelecendo um paradoxo, uma alternativa para manter suas atividades e difundir conhecimentos, tradições, e combater modelos que degradam o ambiente e a saúde humana.

O Regimento Interno da Feira Agroecológica Raízes do Campo congrega dentre outros objetivos:

1. Oferecer oportunidades aos agricultores familiares de Jaboticatubas, de forma que tenham um espaço de encontro com os consumidores para mostrarem seus produtos, aumentar a renda vinda da propriedade e gerar oportunidades para que a juventude possa continuar no campo, garantindo assim a permanência no campo das comunidades rurais de Jaboticatubas;
2. Oferecer alimentos diversificados e saudáveis para a população de Jaboticatubas e arredores, contribuindo para a melhoria da saúde ao oferecer um alimento sem uso de agrotóxicos, resgatando e mantendo a cultura da região no que diz respeito aos saberes de plantio agroecológico, consumo, culinária e artesanato;

3. Garantir a relação direta entre consumidores e produtores, de modo que os agricultores fiquem com a renda do que produzem, que produtos saudáveis estejam acessíveis a todos e que todos saibam como os produtos são produzidos e que tipo de empreendimento apoia o consumir;
4. Preservar o ambiente, as matas nativas e a saúde de todos, não contaminando as águas, solos, animais e pessoas com agrotóxicos;
5. Mostrar à população e às autoridades que há opções de desenvolvimento local sustentável para Jaboticatubas, que os agricultores são capazes e precisam ser apoiados;
6. Oferecer atividades culturais e educativas para a população de Jaboticatubas e arredores durante a feira sempre que possível;
7. Reconhecer e valorizar a vida no campo e os agricultores e agricultoras de Jaboticatubas.

Como núcleo urbano de uma região tradicionalmente rural e de riquezas naturais, a cidade também tem seu histórico tanto de conflitos socioambientais originários de relações de ocupação quanto ao atendimento à legislação ambiental.

Em meio a essas atividades e no exercício da cidadania, para a cidade e município, a Feira Agroecológica Raízes do Campo se tornou mais que um atrativo turístico. A feira, em suas atividades, congrega uma “escola em praça pública”. Argumentos sobre conservação ambiental e economia sustentável, ecologicamente e economicamente possível, fazem parte da temática. A Feira tem apresentado uma evolução ao proporcionar temas, trazer outras experiências de produção, troca de saberes e democratiza o espaço.

4.3 PRODUTOS ENCONTRADOS NA FEIRA

Trinta e seis famílias produzem e comercializam uma enorme diversidade de alimentos: verduras e legumes, PANC`s (plantas alimentícias não convencionais), plantas medicinais da horta e do cerrado, grãos, biscoitos, bolos, alimentos do cerrado, alimentos processados de origem animal, sementes com as crioulas e sementes apropriadas para adubação verde, raízes e frutas de época, além de lanches, quitandas e petiscos.

Produzidos artesanalmente e cultivados em sistema agroecológico, assunto de segurança alimentar, os alimentos são livres de venenos. As verduras e frutas são comercializadas *in natura*.¹⁶

À medida que incorpora novos produtos, incorpora novos atores, saberes tradicionais e novos saberes.



Foto 2: Conjunto imagens da Feira Agroecológica Raízes do Campo (Alisson Amorim, 2017.)

¹⁶ Anexo, tabela 1- Produtos comercializados na Feira Agroecológica Raízes do Campo.

5 ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL, CONFLITOS E PERSPECTIVAS DA REALIDADE LOCAL SUSTENTÁVEL

Diante do cenário de crescimento populacional e de mudança do mosaico territorial, os aspectos ecológicos no município se associam aos conflitos socioespaciais na cidade e seu entorno. Compondo estes conflitos, está a disponibilidade da água. As comunidades e integrantes da Feira Agroecológica Raízes do Campo reconhecem que os problemas de abastecimento estão provocando impacto para o consumo humano, agricultura e criação de animais. Em entrevista, a AMANU reconhece que o município apresenta inúmeras vulnerabilidades ecológicas e descreve o cenário atual no qual os solos de Jaboticatubas estão ficando muito degradados. “Onde muitos lugares não têm mais a agricultura que tinha antigamente e que foi substituída por pasto. Jaboticatubas apresenta pequenos plantios de eucalipto, mas não são monoculturas muitos grandes, são alguns espaços espalhados. Mas observam que quem chega e compra a terra, passa o trator, planta braquiária”.

No levantamento de problemas ecológicos o fogo foi apontado, como um dos mais significativos e acontece todos os anos. São queimadas provocadas por quem quer constituir pastagem, mas também de forma aleatória “gente que quer ver pegar fogo”. Tanto o fogo, as pastagens, quanto o desmatamento estão degradando demais as terras, a ponto de estarmos perdendo a terra fértil, pois a terra e o cascalho estão no assoreamento dos córregos e rios também. O agricultor tem dificuldade de produzir nessas terras, explica um dos fundadores da associação, Daya Gloor “A água que cai da chuva não se infiltra no lençol freático, por mais que chova, escorre direto para os córregos, para os rios e para o mar, em última instância e se perde. Ao longo do ano a gente não tem água reservada. Para abastecer as nascentes, cada vez é menor essa quantidade de água que infiltra. Por isso a região está passando por secas muito severas e cada ano é pior. Conforme declaração de integrante da AMANU, “esse ano mesmo (2017), a AMANU vai conversar com a prefeitura porque o rio vermelho, um rio aqui, um dos mais importantes, já está quilômetros e quilômetros seco”.



Foto 3 – Queimada próximo do condomínio Canto da Siriema e Recato do Sabiá. (Alisson Amorim, 2016.)



Foto 4 – MG 20. Queimada se alastrando a partir da via. (Alisson Amorim, 2017.)

“As cisternas das pessoas estão secando e aliado a isso, há muitos sitiante e moradores também que a cisterna secou e a pessoa abre um poço artesiano sem outorga. Já é sentido por muita gente que quando se abre um poço artesiano na

região, as cisternas ao redor secam mais ainda. E a pessoa fica na sensação de que ela tem água, mas ela está tirando água da caixa e não está repondo, assim os poços artesianos da região também vão secar. Tem comunidades rurais que são abastecidas por poços artesianos coletivos que não tem água mais, a água é fornecida por caminhão pipa”. (AMANU, 2017)



Foto 5 – Barragem, construída para contenção de água pluvial. A Feira Agroecológica Raízes do Campo e AMANU são parceiras do projeto Barraginhas. (Alisson Amorim. 2017.)

De acordo com a AMANU, “no passo deste cenário catastrófico, tem agricultores dizendo que, se o rio secar mais, eles terão de mudar de suas terras. A prefeitura e o legislativo local têm incentivado cada vez mais a venda de terrenos. Observa-se a transformação de terrenos rurais em urbanos para permitir loteamento e condomínios, induzindo uma perspectiva para Jaboticatubas ser como Nova Lima. Condomínios de luxo, pessoas que muito das vezes não vão morar no município e às vezes até recebem isenção de IPTU, ou seja, uma problemática a ser discutida sobre os benefícios que esses condomínios trazem para a região. Mas, o mais importante, é como trazer esses condomínios sem ter um plano de abastecimento, sem ter de onde tirar água. Terão que disputar água com os agricultores. Essa é também uma prática dos sitianteiros. Moradores vendem pedaços de terra, com metragem abaixo do mínimo permitido em área rural e vendem para sitianteiros de

Belo Horizonte, que furam poços artesianos e constroem piscina, tornando a água um recurso escasso. Os loteamentos irregulares e os condomínios, até os aprovados pela Câmara, além de agravar a crise hídrica, contribuem para o aumento do preço da terra. Assim, o filho de um agricultor não terá mais condição de comprar um terreno e ficar na roça. A imagem é que todos, pela pressão, vão acabar vendendo e assim acabar com a área rural de Jaboticatubas, como ocorreu com Nova Lima”.

A localidade do Boa Vista, local onde a COPASA faz captação de água, compõe-se de vilarejo, área à jusante da antiga fazenda Boa Vista e Bamburral. É formado por sítios e infraestrutura de escola, posto de saúde e comunitário. A localidade do Bamburral é formada por vilarejo e área agrícola, compreendendo uma fazenda de agricultura industrial. Nesta fazenda de áreas de vale, terras baixas, é produzida uma variedade de legumes e verduras, frutas e alguns produtos tradicionais japoneses, além de manter pequeno rebanho leiteiro. A vila do Bamburral se forma a partir da MG20 entrada caminho\estrada de terra em direção ao Boa Vista divisando a fazenda Bamburral produtora de hortifrúteis e à estrada para o Lucas. Pequenos sítios e moradias compõem a estrutura fundiária da vila Bamburral que conta com igreja e centro social. A atividade econômica fica por conta do pequeno comércio, de bares e do trabalho rural. A fazenda Bamburral tem atividade de agricultura industrial e cultiva uma grande área com sistema de rodízio de culturas, grandes áreas de estufas plásticas e pasto. Entretanto é a mesma região de captação de água pela Copasa.

A fazenda Bamburral tem atividade do agronegócio e cultiva uma grande área com sistema de rodízio de culturas, grandes áreas de estufas plásticas e pasto.

O agronegócio é um modelo de produção que exige a utilização de fertilizantes químicos e agrotóxicos. Justificado pelo produtor Isaac: “isto, para atender ao mercado, um produto com aspecto melhor”, dito melhor. Assim a fazenda também utiliza esses tipos de insumos na plantação. Esses insumos, conforme seus manejos, podem apresentar pequenos a importantes impactos nos ecossistemas e sua biodiversidade, contaminar as pessoas, aves e animais bem como a água e solos. O uso das grandes áreas da fazenda para atividade agrícola vem de longos anos. É contínua a utilização do solo com o uso do pacote tecnológico que inclui agroquímicos, sementes “melhoradas” através de tecnologias genéticas e pesticidas para produção. A manutenção da atividade tende a excluir todo tipo de espécie

florística e de fauna na região e dispersá-las para as áreas vizinhas que também receberam loteamentos e condomínios. As técnicas de cultivo utilizadas são mecanizadas e manuais, e a mão-de-obra utilizada é através de meeiros¹⁷ e assalariados – área de entorno: Bamburral, Boa Vista, Canto da Siriema I e Alto do Lucas.



Foto 6: Bamburral, vista de estufas para produção agrícola. (Alisson Amorim, 2017.)

O modelo de agricultura e de pecuária baseada no sistema hegemônico do modelo desenvolvimentista tem paradigma proposto pela “Revolução Verde¹⁸” aplicada no Brasil como padrão de produção. Observa-se que o modelo de agricultura hegemônico utiliza um pacote de insumos passíveis de impasses quanto a seu discurso técnico de mercado, como também das políticas públicas promotoras deste modelo. Os instrumentos e insumos da indústria agrícola se estabelecem também pelo elevado custo ambiental, desconsideram os serviços ecológicos, a degradação de solos e o lençol freático. A produção de alimentos, também está no centro das relações dos modos de conduzir a sociedade. Quanto ao modelo de agricultura hegemônico, as técnicas de cultivo e a multiplicidade de plantas regionais

¹⁷ Diz-se do agricultor que trabalha em terras que pertencem à outra pessoa. Em geral o meeiro ocupa-se de todo o trabalho, e reparte com o dono da terra o resultado da produção. O dono da terra fornece o terreno, a casa e, às vezes, um pequeno lote para o cultivo particular do agricultor e de sua família. Fornece, ainda, equipamento agrícola e animais para ajudar no trabalho, adubos e inseticidas.

¹⁸ A partir de 1960, o Brasil se engaja na chamada “Revolução Verde”. Fundada nos princípios da produtividade através de insumos químicos, de variedades de alto rendimento, melhoradas geneticamente, da irrigação e da mecanização, conhecido como “pacote tecnológico”. (ALMEIDA. 1995)

são eliminadas em favor de um pacote de produção que não leva em conta a cultura local.

O desmatamento e a queimada da vegetação nativa são práticas recorrentes. O Cerrado, savana brasileira, compõe a lista dos biomas mais ameaçados no Brasil. O crescimento de condomínios que urbanizam grandes áreas e a expansão de loteamentos produz junto à ocupação territorial forte incremento na mudança do uso do solo de rural para urbano. Também o conseqüente desmatamento e o aumento de resíduos sólidos (lixo). O município transporta o resíduo para Sabará e não possui em seu território local que receba resíduo de qualquer tipo.

No progredir temporal das sociedades ocidentais novas adequações apresentaram uma nova contradição, o custo crescente de produção e da demanda e a utilização de recursos energéticos e materiais esgotáveis ou lentamente renováveis assim também as inserções no meio ambiente de resíduos, isto é, poluição de toda espécie (Alier, 2011).



Fotos 7 e 8: Vista MG 20. Resíduos sólidos dispostos pela lateral da via. (Alisson Amorim, 2017.)



Foto 9: Central de Resíduos sólidos do condomínio Canto da Siriema. (Alisson Amorim, 2017.)



Foto 10: Posto de coleta de resíduos sólidos – Condomínio Recanto do Sabiá. Junto a essa gaiola, foi implantado kit de cestos plásticos, padrão coleta seletiva. Estes foram queimado. (Alisson Amorim, 2017.)



Foto 11: Manifestação em Jaboticatubas. Escola Municipal realizou ato em defesa dos animais e a favor da implantação da coleta seletiva. (Alisson Amorim, 2017.)

Questiona-se o modelo atual de desenvolvimento. Modelo onde o consumo é estimulado e muitas vezes desmedido. Como fugir desta lógica? E qual o papel das pessoas nessa mudança de perspectiva?

A associação AMANU, conforme a representante Daya Gloor, expressa a questão da seguinte forma: “Em relação aos consumidores, a gente tenta sempre durante as feiras, durante as palestras, nas reuniões com os feirantes e parceiros, difundir a ideia do consumo consciente. Porque o consumo consciente é parte da construção de uma nova economia, a economia solidária. O papel do consumidor, na hora de escolher onde vai gastar o seu dinheiro, é estar escolhendo que tipo de

sociedade quer ajudar a construir. Ele vai ao supermercado ou ele vai comprar na feira? Qual a diferença dessa simples escolha? A associação trabalha essa questão do consumismo, da gente não ser atropelado pelo consumismo, da pressão da mídia. Ela também trabalha pela perspectiva de serem constituídas de famílias, gerar renda para que elas tenham maior acesso ao consumo, mas consumo de bens essenciais, para que tenham mais dignidade. Por exemplo, no ir e vir, o transporte aqui é muito caro. Muitas vezes não conseguem sair por isso. Transporte de Jaboticatubas para BH, transporte das comunidades para Jaboticatubas. Muitas não têm transporte público. Outra coisa é o consumismo em cima de coisas fúteis. A gente trabalha com a questão do consumidor, a importância do consumidor para mudar os hábitos de produção e consumo, especialmente ligado à agricultura. A gente também tem um bazar. Procura-se sempre trabalhar a importância de trocar, de comprar usados, de fazer as coisas durarem mais”.

“Na economia sustentável que busca melhorar a qualidade de vida também na cidade a gente acredita sim e incentivamos um desenvolvimento rural sustentável para Jaboticatubas, que tem um potencial enorme para isso. Além de garantir um campo que seja gostoso de viver, que gere renda, que fixe a população jovem em sua localidade e preserve o nosso ambiente, estamos incentivando a produção de alimentos saudáveis que possam abastecer a cidade e a cidade aqui tem um perfil rural”. A cultura em Jaboticatubas é muito ligada à tradição rural, as festas rurais vinculadas à religião ou não. São danças, várias manifestações culturais ligadas a isso. Cada comunidade rural tem sua festa, sua padroeira e as pessoas fazem a comida de forma coletiva. São tradições como os batuques, folias de reis, candombes e tradições que vem do campo e estão na cidade também. “A gente vê então que, além de produzir uma comida saudável e preservar o ambiente do município, esta é uma economia baseada nisso, na troca entre o campo e a cidade. Vai melhorar a vida na cidade também por ter acesso a alimentos saudáveis e por possibilitar manter essa cultura local viva, até mesmo a cultura alimentar”. A Feira é muito reconhecida por ter preservado e resgatado essa cultura alimentar. A fava branca, o arroz vermelho, o bolinho de feijão miúdo, o biscoito de polvilho, o óleo de coco, coisas que não se encontravam mais. As pessoas chegavam à feira: “nossa isso aqui minha vó faz, nossa quanto tempo que não como isso, então a gente vê a tradição alimentar como parte importante da cultura também”.

Diante desse contexto, a Feira é, atualmente, um patrimônio da cidade, reconhecida por seus frequentadores pela qualidade dos alimentos e por preservar as tradições alimentares da região. (FARC, 2017). A Feira Agroecológica Raízes do Campo é um empreendimento popular solidário organizado coletivamente pela AMANU, Educação, Ecologia e Solidariedade. Representa mais um passo importante para o fortalecimento da agricultura familiar agroecológica e do extrativismo como modelos de desenvolvimento para o campo, alternativa de renda para as comunidades que também buscam harmonia com a natureza.

Vê-se que, conforme Lévy (2015), uma utopia autogestionária do discurso coletivo, também nos modelos de economia solidária, não se reduz ao fazer, mas as formas do fazer com seus conteúdos, sobretudo, articulam consciência e mundo, na perspectiva histórica de superação do estado atual da realidade de mercado capitalista que a todos envolve. Neste sentido, a metodologia autogestionária desnaturaliza a metodologia do mercado capitalista que individualiza o trabalhador e trabalhadora como ente consumidor, despossuído da capacidade de produção criativa da história. (FEBES, 2007)

A inclusão expressa dos povos tradicionais e sua articulação com a perspectiva territorial é um dos pontos marcantes desse novo estado de formulações que indica a preocupação em aproximar a Economia Popular Solidária das demais lutas sociais e reconhecer o estatuto dos diferentes modos de vida tradicionais como fontes e referências para o projeto de sociedade da Economia Popular Solidária. O conceito de território passa a estruturar a economia popular solidária como uma proposta integrada ao desenvolvimento territorial sustentável. (CFES, 2011)

Neste debate, está como envolver os mais pobres nas discussões socioambientais no município. Conforme a atuação da AMANU, as atividades da associação, exercem o papel de trabalhar a educação popular, um dos seus eixos. “A educação popular trabalha justamente isso, a visão de mundo e o protagonismo em transformar o mundo em um mundo melhor a partir da realidade das pessoas em discussões através do diálogo coletivo. Em todas as atividades da associação se pratica a escuta, a fala, incentiva a participação de todos, possibilitando colocar a perspectiva de cada um e construir uma visão comum. Então a gente faz isso nas feiras, nas reuniões, nas comunidades, trabalho permanente visando um trabalho educativo, inserindo as pessoas na busca de soluções”.

“A agricultura familiar, principalmente a agroecológica, tem papel essencial, porque além dos saberes tradicionais sobre o Cerrado, o manejo do solo, sobre o ecossistema da região, ela tem condição, lá no campo, no dia-a-dia, de estar atuando para preservar essas condições. Elas dependem da preservação das condições do ambiente. Sem um ambiente equilibrado a agricultura familiar não consegue produzir. A terra para o agricultor familiar é um patrimônio, é o que vai deixar para o filho, o que vai dar sustento para todas as gerações. Diferente de um fazendeiro, que compra uma terra que tem trabalhadores pagos e no momento que a terra não produz mais, ele vende e compra outra. O agricultor familiar não. Ele é arraigado ali, ele tem uma comunidade, uma cultura que desenvolve e vivencia. Ele precisa fazer parte dessa construção de que ali seja um ambiente bom e permanente de produção. Então, desenvolver sistemas de produção com base na agroecologia, os quais a cada ano ele melhora o solo em vez de degradar. Esta é perspectiva para a agricultura familiar que caminha para uma alternativa sustentável”. Da perspectiva da AMANU, é essencial envolver os mais pobres na discussão das questões socioambientais no município. Sua atuação junto à agricultura familiar, muitas vezes são famílias pobres, que são protagonistas de uma proposta de desenvolvimento rural sustentável. A atuação da AMANU é justamente envolve-las no diagnóstico e na solução de seus problemas que são problemas também de ordem socioambientais e na proposição coletiva de soluções.

Lévy¹⁹, em *A Inteligência Coletiva* (2015. P67, 68, 69) corrobora, para a dinâmica da cidade inteligente, coletivo inteligente é a nova figura da cidade democrática. Habitada por esse ideal, a “política molecular”, liberta da influência dos poderes territoriais, suspende por um momento a ação das redes desterritorializadas da economia mundial para permitir a ação, no interior do vazio assim conquistado, dos processos rizomáticos, das dobras e redobras da inteligência coletiva. Não se trata aqui de formular um programa, de dar “conteúdo” à democracia em tempo real, mas apenas de indicar uma maneira de fazer, de esboçar algumas regras do jogo. Numa perspectiva política, as grandes fases da dinâmica da inteligência coletiva são a escuta, a expressão, a decisão, a avaliação, a organização, a conexão e a visão, cada uma delas remetendo a todas as outras. Entremos no círculo para conhecer a escuta. A cidade inteligente se entrega não só a uma escuta de seu ambiente, mas também a uma

¹⁹ Lévy, Pierre. Filósofo, autor de *A inteligência coletiva*. Considera a inteligência coletiva uma chance que o homem tem de viver fora do isolamento cartesiano, em atividade contínua na busca e construção de redes de pensamento abertas a outras culturas e realidades humanas.

escuta de si e de sua variedade interna. Dispositivos de comunicação pós-midiáticos podem restituir a diversidade que surge das práticas efetivas. A escuta consiste em fazer emergir, em tornar visível ou audível, a miríade de ideias, argumentos, fatos, avaliações, invenções, relações que constituem o social real, a massa do social, em sua profunda obscuridade: projetos, competências específicas, modos originais de relação ou de contratualização, experimentos organizacionais etc. Aumentar para si a transparência do social (e não a transparência do indivíduo ao poder) supõe que se autorizem as singularidades que o povoam a exprimir-se em sua própria linguagem, a inventar suas autodescrições e seus projetos, sem impor-lhes código a priori. Como também ao retorno de um diálogo ou um multólogo. A escuta é um processo imanente ao coletivo, circularidade criadora. Sendo assim, a escuta inverte o movimento midiático. Recupera o murmúrio do coletivo, em vez de dar a palavra aos representantes. Que a mídia continue a anunciar catástrofes e a difundir imagens das pessoas do poder. A democracia em tempo real se apoia em um dispositivo pós-midiático, uma rede de comunicação molecular sobre as práticas positivas, os recursos, os projetos, os saberes e as ideias. A partir da escuta contínua, os indivíduos e grupos que animam a cidade podem exprimir os problemas que lhes parecem mais importantes para a vida coletiva, tomar posições sobre esses problemas e formular argumentos em apoio a suas posições. Uma vez tomadas e postas em prática as decisões, elas são avaliadas em tempo real pelo próprio coletivo de acordo com múltiplos critérios. A democracia em tempo real maximiza a responsabilidade de um cidadão e deve se efetuar na própria evolução do uso dos serviços públicos ou da aplicação das leis. A extensão do coletivo da democracia supõe um progresso da responsabilidade. Ora, está claro que tornar visível efeitos coletivos das decisões individuais e comuns reforça os sentimento e práticas da responsabilidade. Em virtude disso, o exercício da cidadania forma um todo com a educação e a cidadania propriamente dita.

Apresenta-se Lévy para a temática, porque além de trabalhar a ideia de inteligência coletiva na organização social, aborda as novas maneiras de trocar informação e conhecimento com as novas tecnologias. Considerando por uma expectativa mais humanista e de forma a ampliar o debate das transformações de um mundo que “quebra suas fronteiras”. Onde os movimentos sociais também se transformam com a disponibilidade da internet. Isso se faz na disponibilidade de interação em um modelo pós-mídia. O mundo digital tem iniciativas da AMANU e da Feira Agroecológica Raízes do Campo que se insere e se apresenta para um mundo sem fronteira. As desigualdades sociais, econômicas e de conhecimento chegam à internet. O desenvolvimento da Tecnologia da Informação e Comunicação, um novo meio, formador de participação de inteligência coletiva como afirma Lévy. Além

disso, um novo meio de comunicação que dá novas formas ao pensamento coletivo. Pode-se ver a AMANU atuando no *cyber* espaço, onde estão disponíveis informações e suas publicações digitais. Seus esforços de comunicação na internet incluem sítio WEB²⁰, blog e redes sociais. As comunicações por e-mail também retornam resposta, funciona.

Transversalmente à comunicação, a agroecologia tem papel essencial, porque além dos saberes tradicionais sobre o Cerrado e o manejo do solo, sobre o ecossistema da região, conecta a Economia Popular Solidária de maneira que as condições, no campo, no dia-a-dia, atuam para preservar o meio ambiente. Além de aspectos técnico-biofísico-ecológicos: Comunicação e planejamento se realizam através de um processo social, cultural e econômico.

A proposição de um modelo coletivo de desenvolvimento rural junto à agricultura familiar, onde muitas vezes são famílias pobres protagonistas de uma proposta de desenvolvimento rural sustentável. Nos termos da associação: “ouvir, é justamente envolve-las no diagnóstico e na solução de seus problemas que são problemas também de ordem socioambientais em proposta coletiva de soluções”. Praticar o ouvir é envolver os mais pobres na discussão das questões socioambientais no município.

²⁰ Sítio AMANU: <http://feirajabo.wixsite.com/raizesdocampo>. Rede social: AMANU: <https://pt-br.facebook.com/faceamanu/>; Feira: <https://pt-br.facebook.com/events/575367675855282/>

5.1 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

A Feira Agroecológica Raízes do Campo é fomentadora de iniciativa da Economia Popular Solidária e propõe atividades produtivas com base no desenvolvimento sustentável. Aqui, objeto da pesquisa é conduzir a reflexão sobre os valores e as ações que os sujeitos possuem frente ao meio ambiente em uma região rural aberta à urbanização. Em suas influências, podem-se inferir as possibilidades da melhora da consciência ambiental do munícipe e o entendimento a partir da Feira, das relações de impacto de suas atividades no meio ambiente.

Foram aplicados ao todo sessenta e um questionários distribuídos entre três grupos de atores, sendo quarenta questionários para munícipes, aplicados durante a semana, fora do ambiente da feira, vinte aplicados nas barracas com participantes da Feira e um questionário AMANU.

As pesquisas realizadas através de entrevistas semiestruturadas foram divididas para a avaliação em questões de “conhecimento” agrupadas em temáticas: avaliação da percepção ambiental, questões específicas de percepção ambiental, apropriação do lugar, ideia sobre paisagem e questões específicas sobre Meio Ambiente/AMANU/Feira. A utilização de perguntas fechadas e abertas procurou definir como o entrevistado percebe a qualidade do Meio Ambiente. Também foi utilizada a escala Likert ou escala de Likert. Um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários, utilizada em pesquisas de opinião. Ao responderem a uma pergunta baseada nesta escala, os perguntados especificam seu nível de concordância com uma afirmação. Escala: Quanto menor o número, pior a situação. Quanto maior o número, melhor a situação: Zero - Péssimo; Um - Muito ruim; Dois - Ruim; Três - Estável; Quatro - Bom; Cinco - Excelente;

Antes da aplicação das pesquisas, foram realizados os procedimentos de pré-teste para gerar avaliação da aplicabilidade dos questionários. Verificou-se a necessidade de ajustes na formulação de determinadas perguntas e ajuste do número total de perguntas para o questionário munícipe. Outro teste foi realizado com duas pessoas de diferentes idades. Gastos 11 minutos por entrevistado maior de idade e 15 minutos para o mais jovem.

Para o procedimento de análise, os dados foram transferidos para gráficos, que permitem uma compreensão direta da informação. Na pesquisa municípe, é possível observar que a opinião da amostra estabelece um perfil de interesse em relação ao meio ambiente ao apresentar 97% de sim para a pergunta: você se preocupa com as questões ambientais. As questões referentes ao lixo indicam que 92% dos entrevistados tem recolhimento público e exibem elevado número, a saber, sobre o destino do lixo do município. Exibem os primeiros reflexos das iniciativas da Feira e AMANU em influir sobre as questões ambientais em Jaboticatubas.

31% dos entrevistados citaram a Feira Agroecológica Raízes do Campo como o lugar onde conheceram sobre coleta seletiva.

Também através do gráfico 11, é possível inferir que o municípe ao citar problemas ambientais em Jaboticatubas mostra alinhamento da AMANU em relação ao reconhecimento de problemas ambientais local. A falta d'água foi citada por 28% dos entrevistados, a poluição dos rios por 25%, a queimada da vegetação nativa 19%, o lixo 15% e o desmatamento 11%. Também a falta de interesse público em fazer alguma coisa em prol do meio ambiente é citado por 2%.

Em relação à vegetação nativa, é importante que se perceba sua inter-relação com as questões de percepção da paisagem. 62% dos entrevistados reconhecem o Cerrado como vegetação nativa. A devastação do Cerrado atual está na discussão do modelo de agricultura e produção de alimentos para o país. A AMANU trabalha intervenções de preservação ao buscar valorizar culturalmente uma paisagem de campos espaçados por arbusto, árvores tortas e retorcidas e de grande biodiversidade, a partir de propostas como a cartilha Frutos do Cerrado – desenvolvida com pesquisa participativa junto às comunidades, proposta para compartilhar saberes tradicionais sobre os alimentos do Cerrado, e indicar possibilidades econômicas para uma economia menos predadora.

Gráfico 2 - Pesquisa munícipe. Universo da pesquisa por sexo.

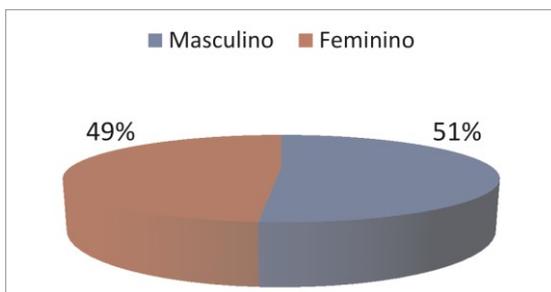


Gráfico 3 - Você se preocupa com as questões ambientais?

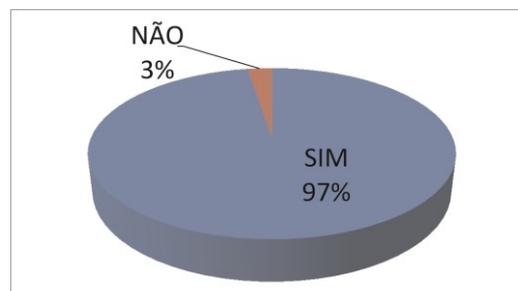
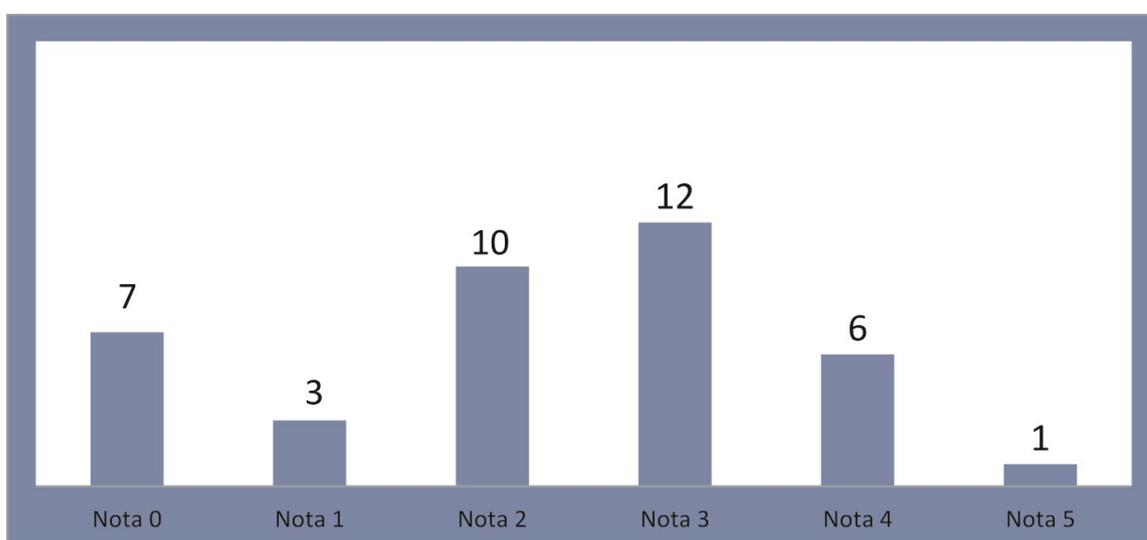


Gráfico 4 - De 0 a 5 que nota você daria para questões relativas ao meio ambiente em Jaboticatubas?



O gráfico 4 apresenta polarização nas notas médias, 2 ruim e 3 estável à percepção das questões relativas ao meio ambiente em Jaboticatubas. Comparando, o gráfico 5 tem que apresenta melhor indicativo na dimensão “onde mora”. É possível inferir que o reconhecimento de melhor tratativa ao meio ambiente possa ser qualificado pela maneira com que o munícipe trata o meio ambiente na sua região, elevando a satisfação com notas 3 estável, e 4 bom.

Gráfico 5 - De 0 a 5 que nota você daria para questões relativas ao meio ambiente de onde mora?

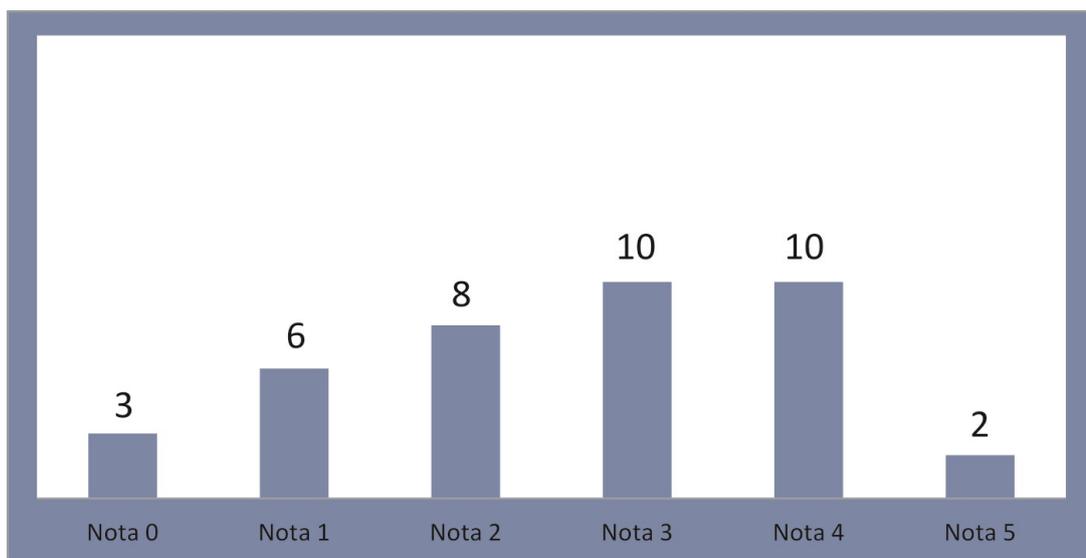


Gráfico 6 - O que faz com o lixo que produz?

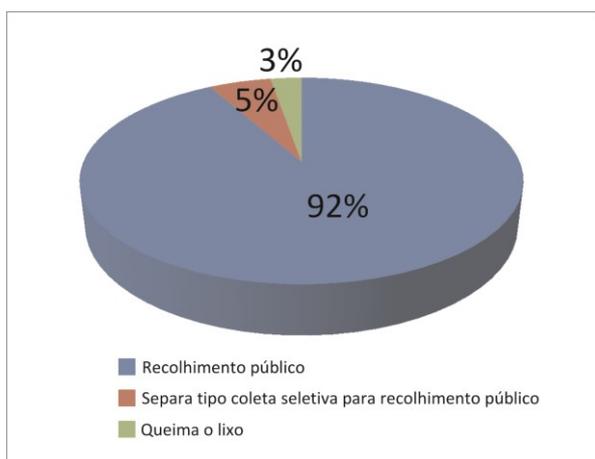


Gráfico 7 - Você sabe qual o destino do lixo?

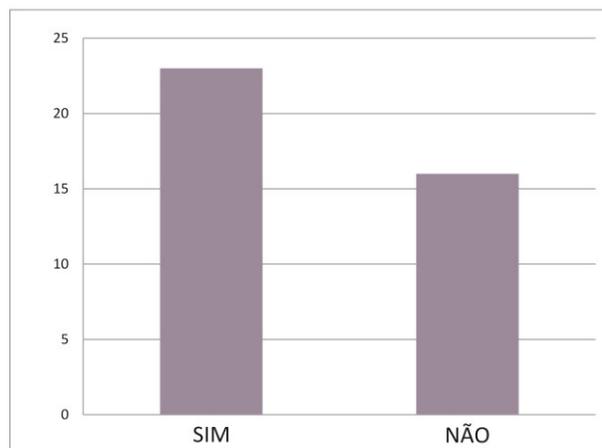


Gráfico 8 - Sabe o que é coleta seletiva?

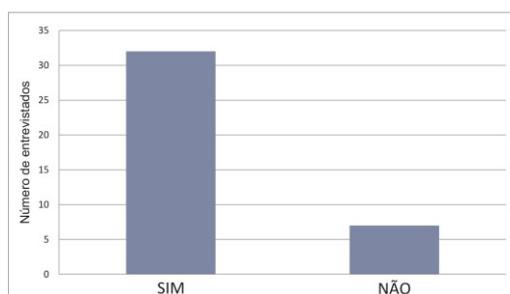
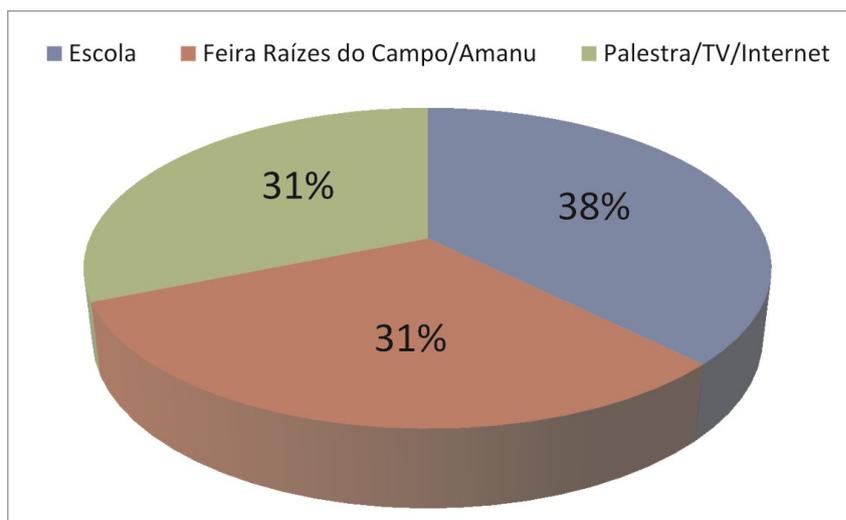
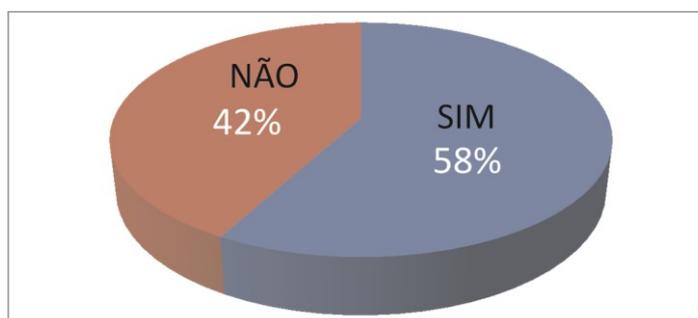


Gráfico 9 - Como conheceu sobre coleta seletiva?



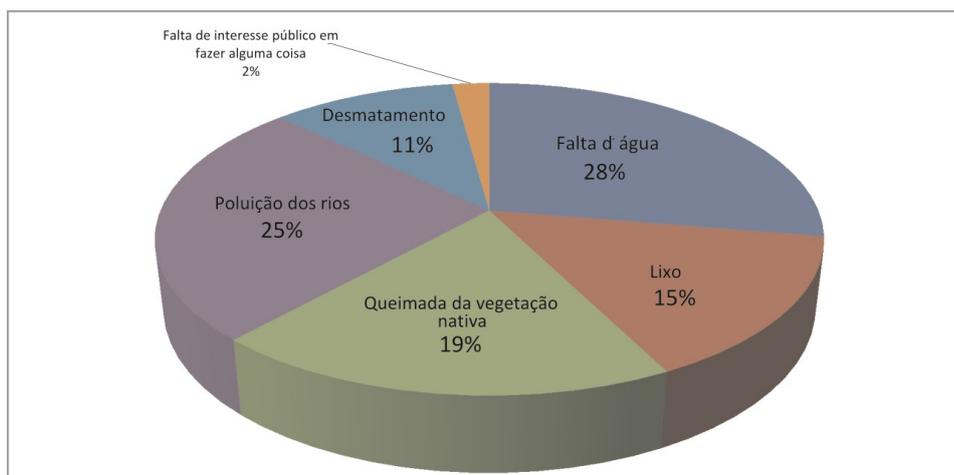
Os gráficos 6, 7, 8 e 9 compõem para a pesquisa um conjunto de perguntas com o tema resíduo sólido como foco. O lixo é percebido como um problema ecológico. Também 5% fazem separação dos resíduos como coleta seletiva para o recolhimento público e apenas 3% usam a queima. A maioria sabe o que é a coleta seletiva e qual a destinação do lixo produzido na cidade. O Gráfico 9 exhibe, com o percentual de 31%, mostra a influencia da Feira Agroecológica Raízes do Campo é referência na disseminação de informações e conhecimento, neste caso a coleta seletiva. A Escola tem 31% das opiniões como fonte influenciadora da consciência ambiental e 38% fragmentados entre palestras/TV/Internet.

Gráfico 10 - Preocupa em comprar produtos que agredem menos o meio ambiente?



Na relação de consumo, 58% dos munícipes têm a percepção da necessidade em buscar produtos e questionar se são ou não agressores ao meio ambiente, uma amostra significativa que busca os mais ecológicos. 42% demonstram não dispor dessa percepção.

Gráfico 11 – Você saberia citar algum problema em relação ao meio ambiente na cidade?



É possível observar no gráfico 11 e inferir, que o munícipe ao citar problemas ambientais em Jaboticatubas, mostra que as questões de vulnerabilidades ecológicas expostas pela AMANU na análise socioambiental expõem alinhamento em relação ao reconhecimento de problemas ambientais. Foi citada a falta d'água por 28%, a poluição dos rios por 25%, a queimada da vegetação nativa 19%, o lixo 15% e o desmatamento 11%. Também a falta de interesse público em fazer alguma coisa em prol do meio ambiente é citada por 2%.

Gráfico 12 - Conhece entidade/organização que age a favor de melhoria ambiental na cidade?

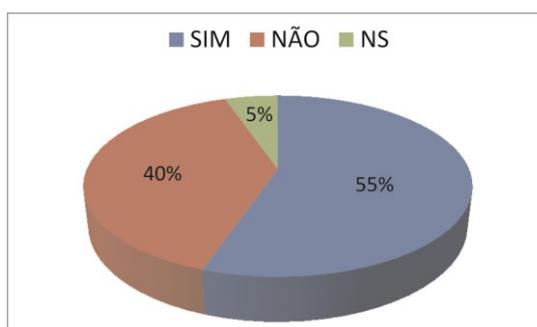
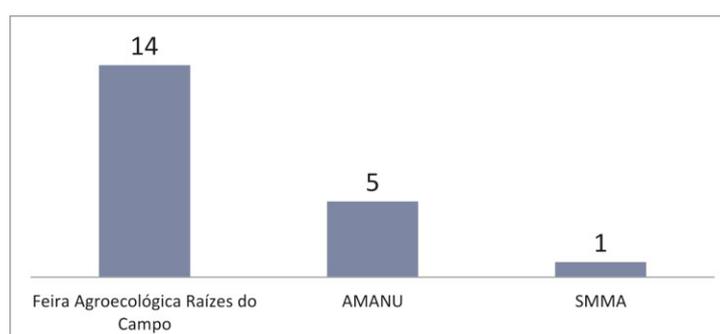


Gráfico 13 - Se sim qual?



Entre os entrevistados, 55% conhecem alguma entidade ou organização que desenvolvem ações em prol do meio ambiente local, gráfico 12. Nos resultados do gráfico 13 a Feira é a mais lembrada seguida da AMANU e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente é citada. Apenas as três foram citadas na pesquisa.

Gráfico 14 - Sabe o que é vegetação nativa?

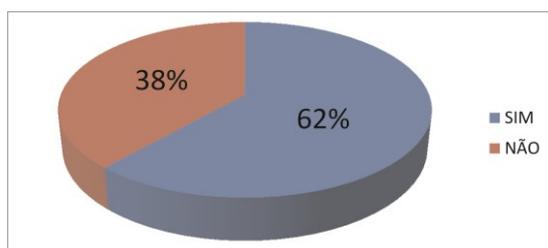


Gráfico 15 - Já ouviu falar sobre desaparecimento das abelhas?

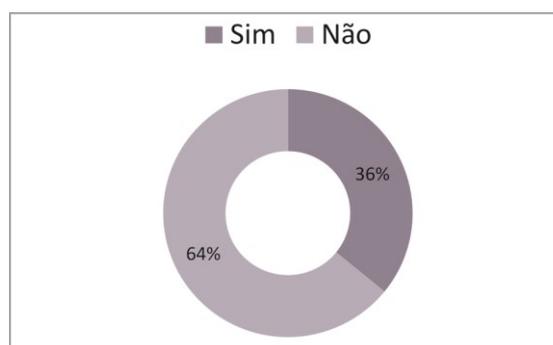
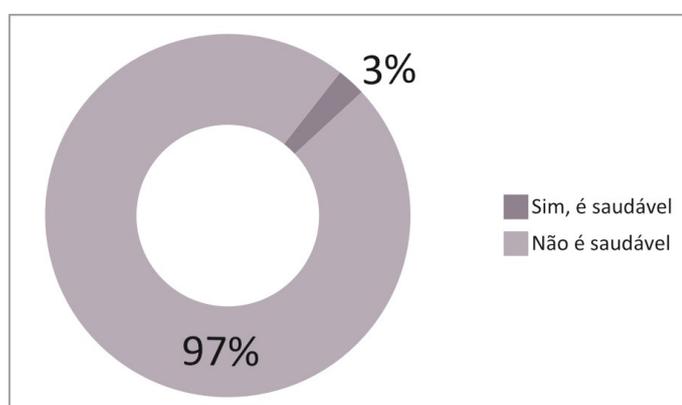


Gráfico 16 – Acha saudável produto alimentício industrializado?



Busca-se através da pesquisa aferir a percepção ambiental com o apoio dos gráficos 14 e 15. Com o gráfico 16 pode-se inferir que a disponibilidade e a oferta dos produtos alimentícios industrializados têm forte apelo. Em conjunto ao modo de vida que se impõem, com o uso de variado agregar simbólico, como praticidade e a própria natureza, exibem uma qualidade aparente. Faz-se o consumo de produtos que sabidamente não são bons para a saúde. Naturaliza-se externalidades negativas do modelo industrial onde a alimentação adensa ao sistema econômico e à modernização.

Gráfico 17 – Você compra produtos na Feira?

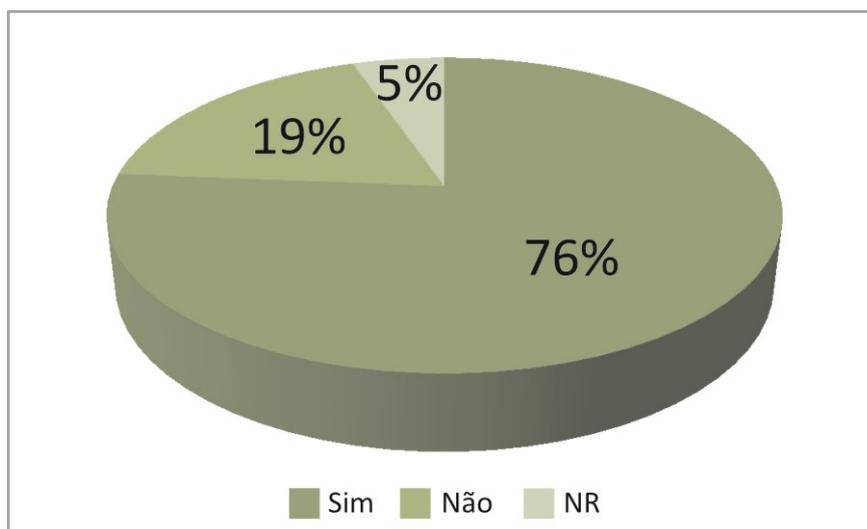
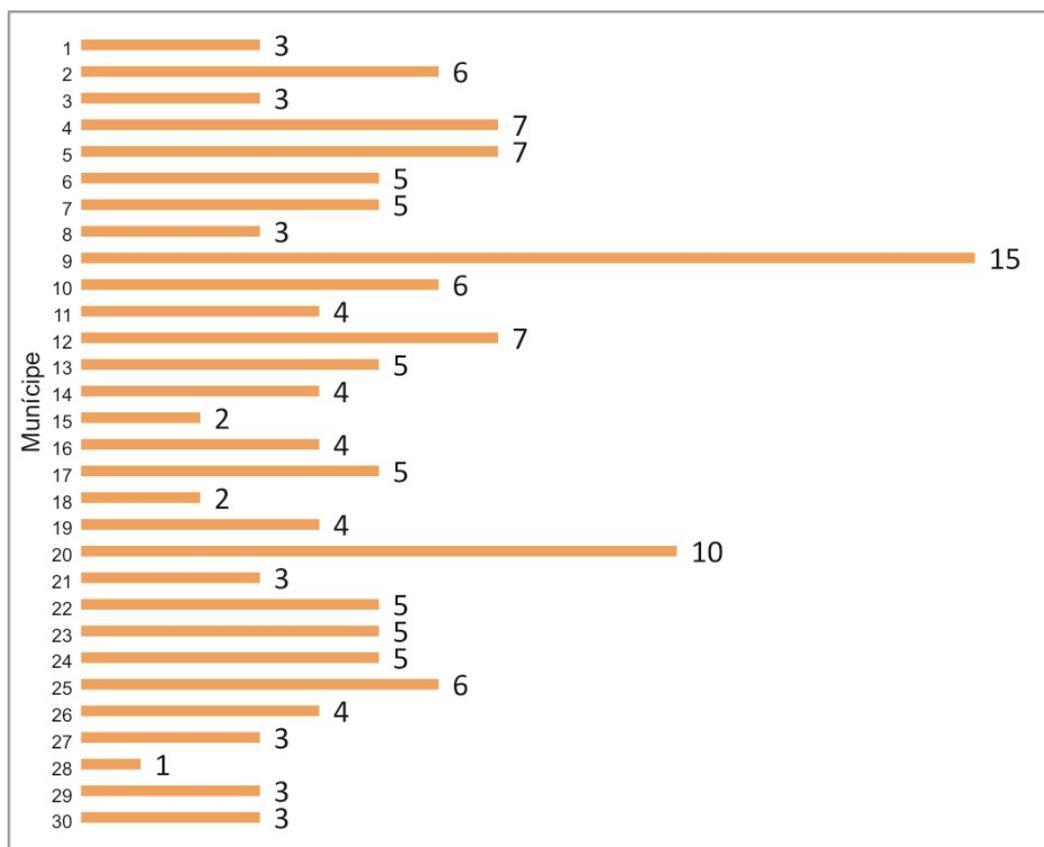
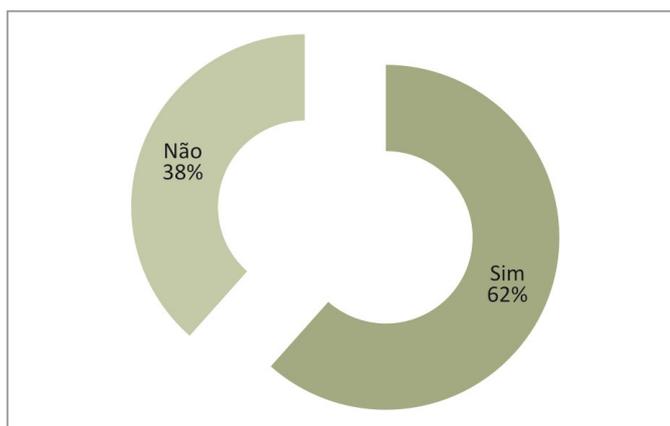


Gráfico 18 – Se sim, quantas pessoas usufruem dos produtos?



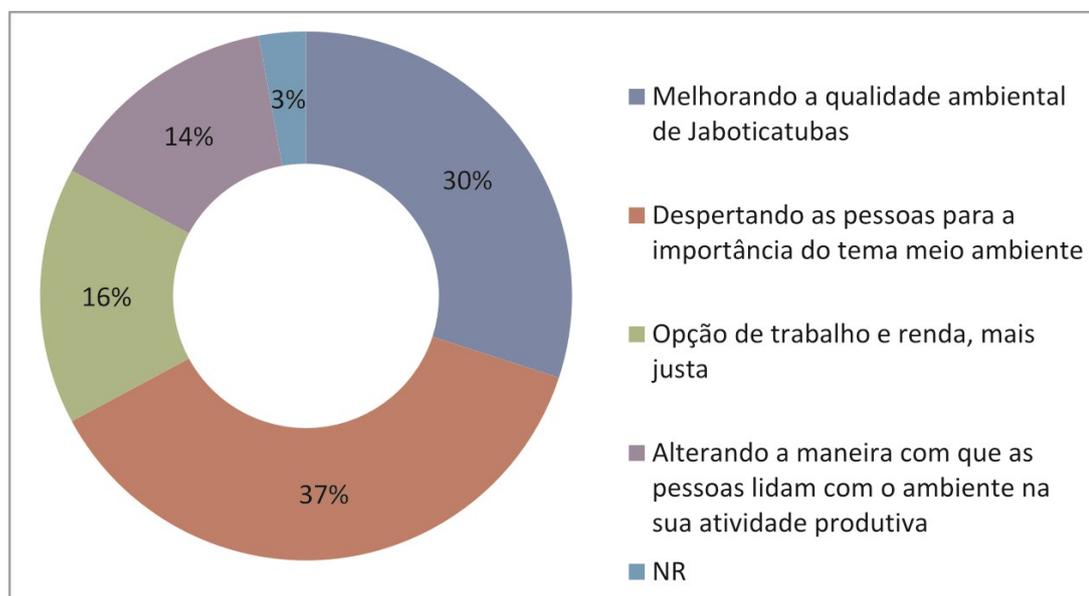
76% dos entrevistados realizam compras de produtos da Feira. Uma das possíveis externalidades positivas da Feira Agroecológica Raízes do Campo é a possibilidade exponencial de produtos mais saudáveis produzidos livres de venenos, através de um mercado socialmente mais justo pode oferecer.

Gráfico 19 – Você acha que há relação pobreza e meio ambiente?



A relação meio ambiente e pobreza é intuída por 62% dos entrevistados. Entre outras discussões, cabe a percepção frente à crise ambiental atual que inclui de maneira direta o modelo produtivo industrial, onde, além disso, as redondezas de fábricas são habitadas por bairros de trabalhadores e população de baixa renda. Como também em áreas rurais famílias de menor poder aquisitivo vão se afastando das melhores áreas.

Gráfico 20 – Você acha que as ações da AMANU/Feira estão? (opções do questionário)



O gráfico 20, retrata a opinião de 97% dos entrevistados ao questionamento sobre as ações da AMANU e da Feira Agroecológica Raízes do Campo possam estar promovendo. De maneira geral é reconhecido nas ações da Associação e da Feira de forma positiva a proposição de mudanças e a qualificação do trabalho de

forma que alteram o paradigma produtivo rural, como também despertando a atenção dos munícipes em relação às questões ambientais no município.

Gráfico 21 - De 0 a 5, qual a nota você daria para a Feira Agroecológica Raízes e a AMANU em influenciar e esclarecer sobre questões ecológicas?

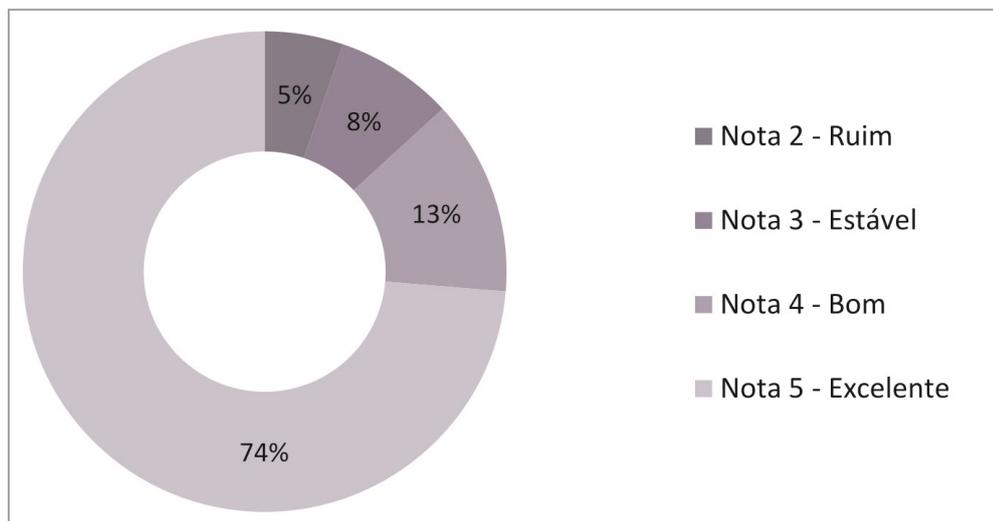
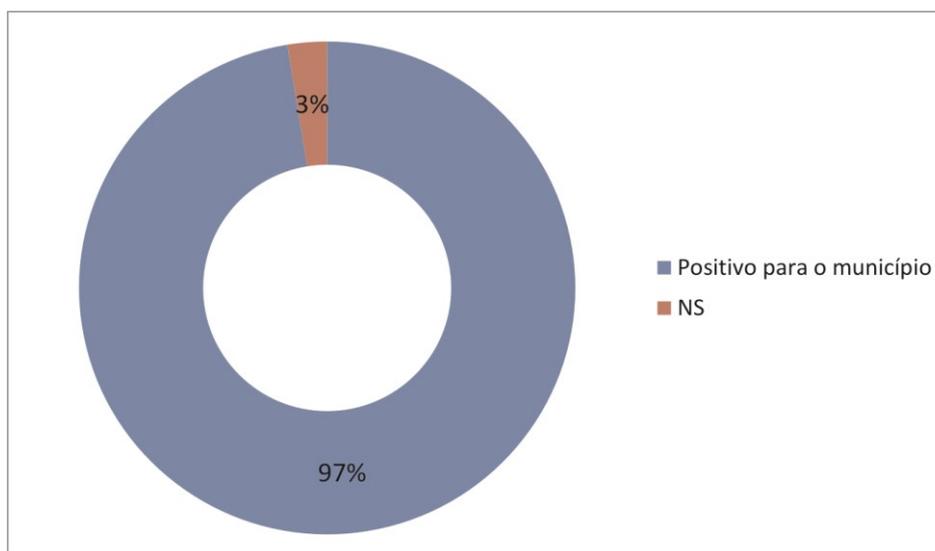


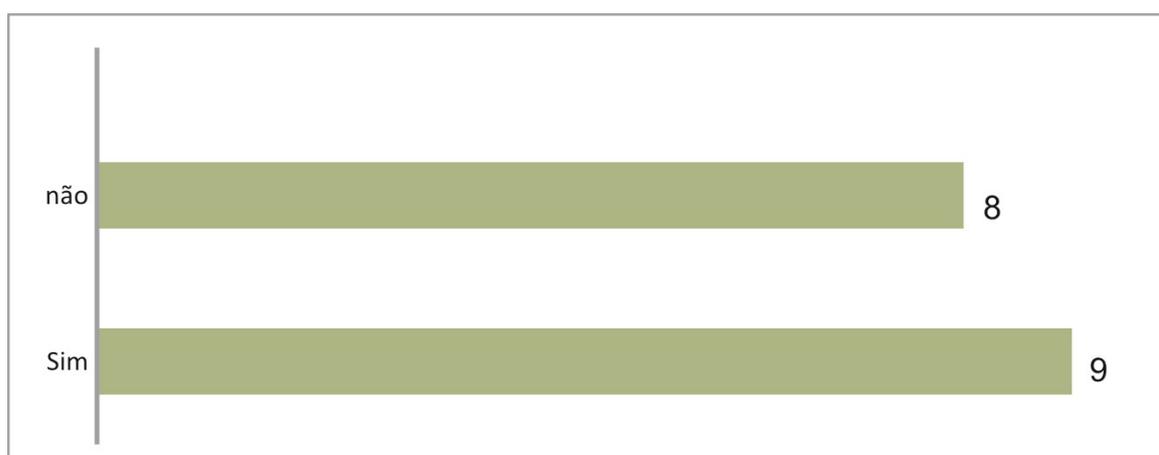
Gráfico 22 - A Feira Agroecológica Raízes do Campo é algo... Positivo ou negativo para o município?



No gráfico 21, a nota 5 excelente, é recomendada por 74% dos entrevistados para a Feira Agroecológica Raízes do Campo como referência em influenciar e esclarecer sobre questões ecológicas. Como também o gráfico 22 apresenta o indicativo de 97% de “positivo para o município”.

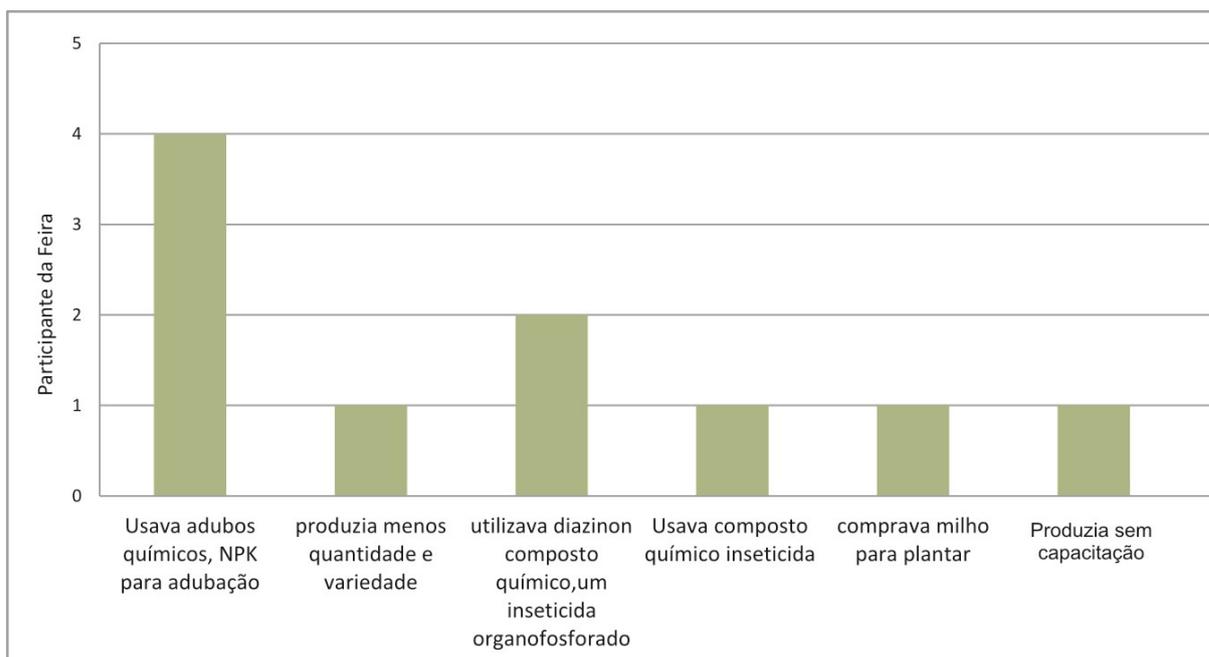
Para as questões referentes ao tema “modelo produtivo” agrupado em duas temáticas, sendo elas, mudanças em pontos de vista, mudanças de hábitos e atitudes, ambas com vistas à conservação da natureza e tiveram como atores sociais os integrantes da Feira Agroecológica Raízes do Campo.

Gráfico 23 – Produzia de maneira diferente?



O gráfico 23 compreende a mudança na maneira de produzir. A feira propõe, com base na agricultura familiar e cultura local, sustentabilidade através da preservação ambiental com base na agroecologia, fazendo com que boa parte dos feirantes alterasse sua maneira de produzir. Também no grupo de resposta “não”, encontram-se produtores que sempre praticaram agricultura orgânica. A mudança de hábito em relação ao produtor e maneira de produzir promove a retomada de valores culturais e socioambientais. Com os gráficos a seguir, de maneira simples, pode-se observar uma inversão de valores ao lidar com o meio ambiente. Os valores ligados ao modelo de agricultura com base em insumos industriais dá lugar ao mesmo tempo a novos insumos pensados em termos de equilíbrio ambiental e um pensamento ecológico notoriamente percebido, no qual a relação com o consumidor é apontado como uma maneira nova de lidar com o mercado.

Gráfico 24 - Se sim, como produzia?



Os gráficos 24 e 25 exibem a agricultura de maneiras diferentes. Um modelo de agricultura integrada ao modelo econômico que usa compostos químicos, adubação a base de derivados do petróleo e inseticidas químicos. A agricultura hegemônica colocou importantes atores mercantis e de produção como a indústria química no sistema agrícola e econômico. Os instrumentos e insumos da indústria agrícola baseado nesse sistema produzem elevado custo ambiental, desconsiderando o potencial dos serviços ecológicos, a degradação de solos e a contaminação do lençol freático. O gráfico 24 apresenta produtores que antes da Feira, usavam as práticas do modelo de agricultura hegemônico e num processo de autocrítica, promovem mudanças significativas. O desenvolvimento sustentável rural baseado na agroecologia mostra fundamental diferenciação a partir dos insumos. Mas não é apenas mudança de insumos agroquímicos por fertilizantes orgânicos ou biopesticidas. É mudança de princípios de manejo, enfatizando e empregando processos ecológicos. A abordagem sistêmica agroecológica tende a equilibrar: Integridade ambiental, Viabilidade econômica e Equidade social. O mercado proposto tem na Feira a interface dos resultados com produtos da agricultura familiar, livres de venenos, que se transforma em agricultura com processos diferenciados do modelo padrão.

Gráfico 25 – Como produz agora?

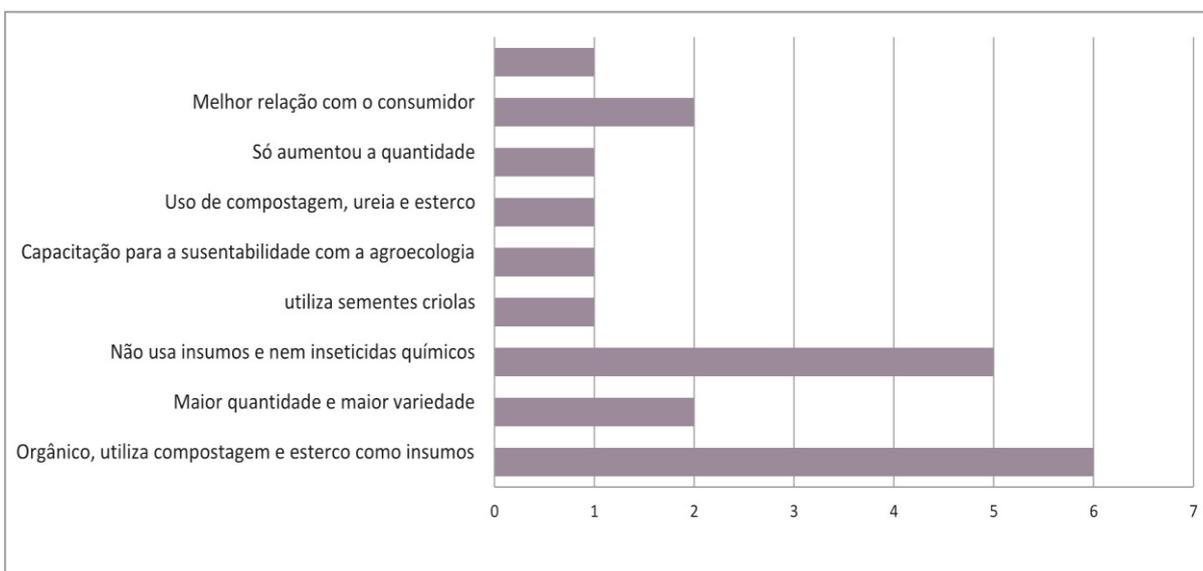
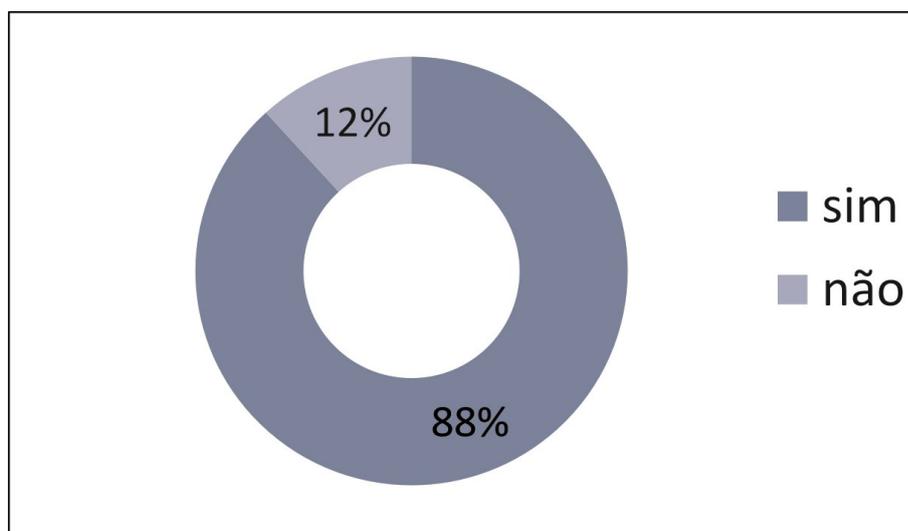


Gráfico 26 – A Feira mudou no seu dia-a-dia, sua relação com o meio ambiente?



Os gráficos 25 e 26 exibem mudanças na maneira de como se produz. Apresenta também um entendimento mais consciente na maneira de perceber o mundo, demonstrado na busca pela capacitação, em estabelecer novas relações produtor consumidor, ao usar sementes criolas, em manter a variedade e aumentar a produção com o uso da compostagem. Mudanças a partir da participação na Feira. Essa relação das questões de produção também pode ser estendida ao gráfico 26 que exhibe 88% de sim para mudanças de hábitos e atitudes, ambas com vistas à conservação da natureza, como mostra a figura 1 a seguir.

Figura 1 – Se sim, o que?

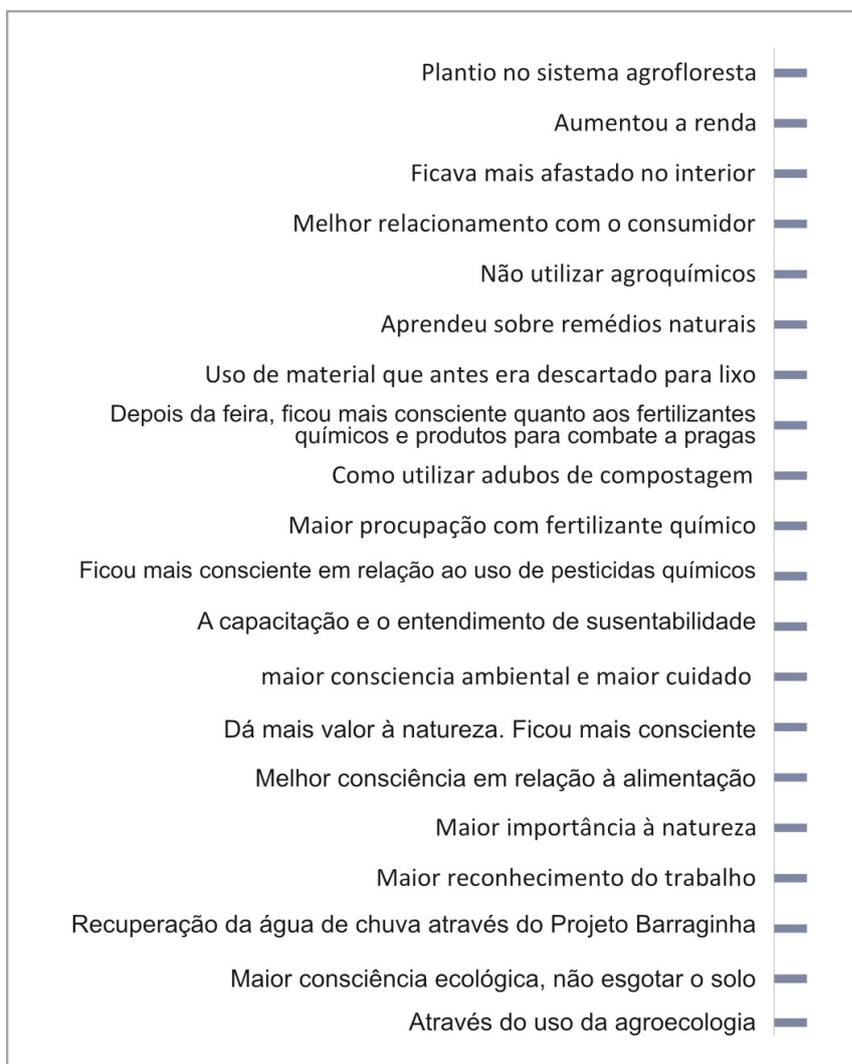
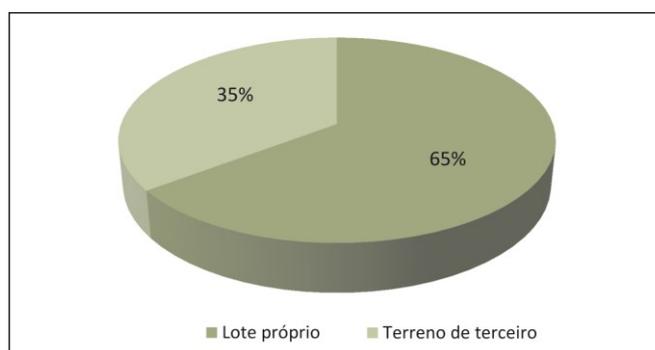
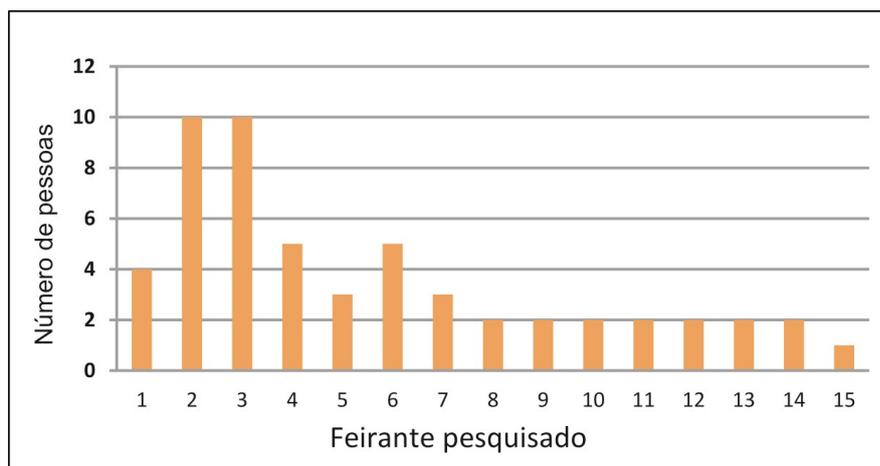


Gráfico 27 – Onde produz?



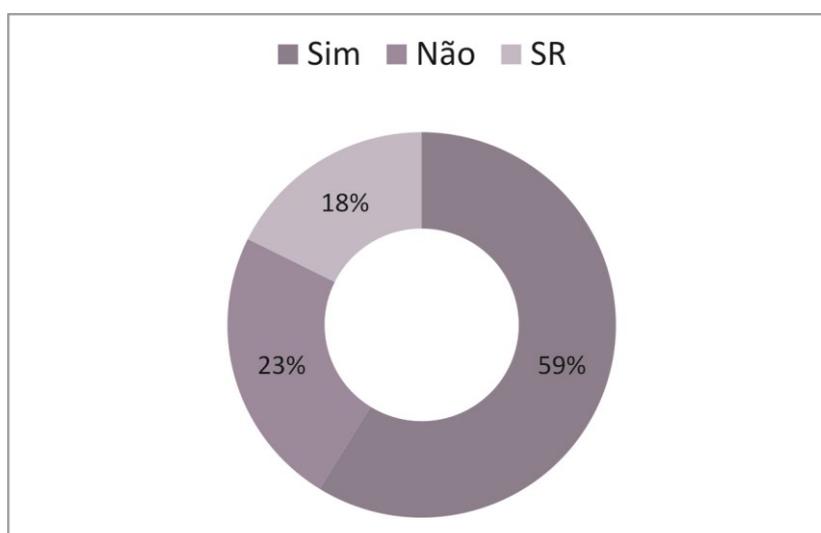
65% dos feirantes produzem em lote próprio. Os outros 35% produzem em terreno de terceiro. Entre estes, apresentam alguns que produzem no terreno do sogro (vínculo familiar) e outros produtores que produzem em terreno de terceiro e pagam com parte da produção, como citado na pesquisa por um dos entrevistados, 20% da produção.

Gráfico 28 – Quantas pessoas da família também são envolvidas com a Feira?



A agricultura familiar é caracterizada pelo envolvimento das pessoas da família no processo produtivo. Assim muitos dos produtores são esposo e esposa, como também filhos/filhas e irmãos, onde participam de tudo.

Gráfico 29 – Sua produção gera algum resíduo?



Pode-se observar no gráfico 29, que 59% dos produtores responderam sim para a ocorrência de resíduos gerados na sua produção e 23% não. Os tipos de resíduos, pode-se ver conforme o gráfico 30, são de fácil manejo e, de acordo com a figura 2, se transformam de resíduos em insumos para compostagem, podem virar alimento para animais como galinhas e porcos ou geração de energia na produção de cachaça. Fechar o ciclo de nutrientes, reduzir gasto de energia e até mesmo combater o desperdício.

Gráfico 30 – Se sim, qual?

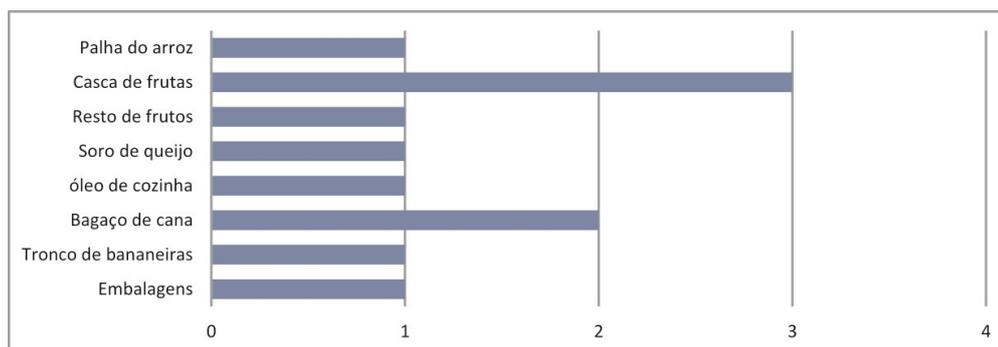


Figura 2 – Qual manejo você faz?

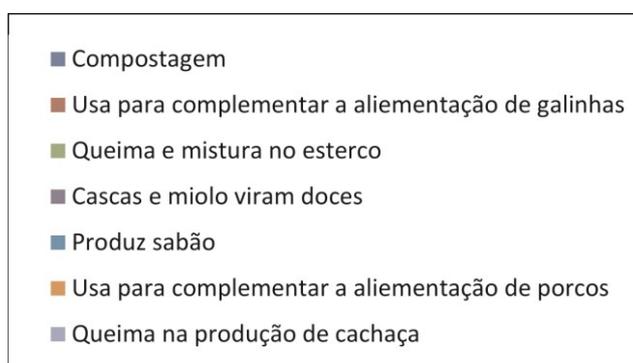
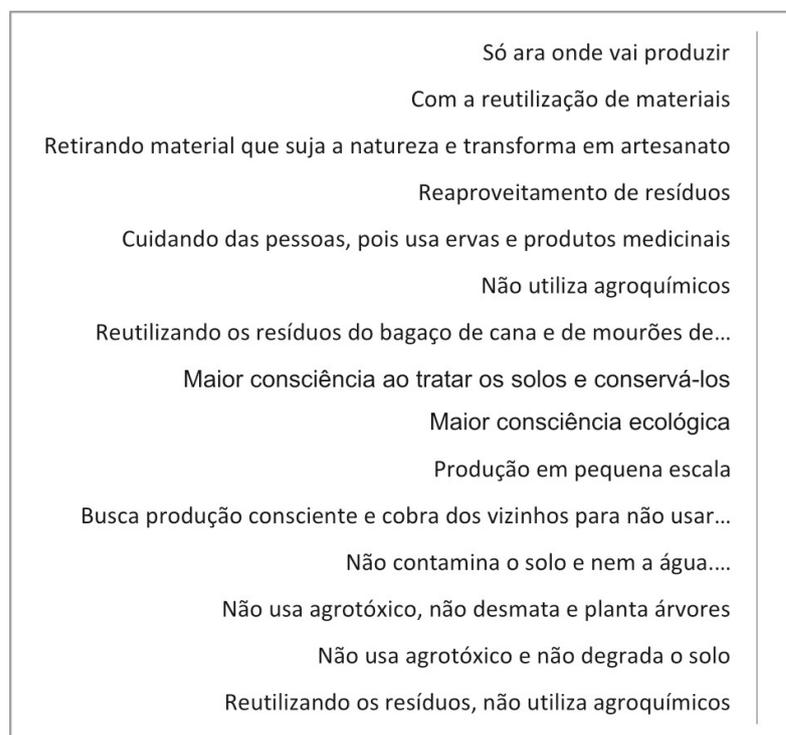


Figura 3 - A maneira que produz contribui para a conservação ambiental de que maneira?



O que se observa não é apenas a substituição de insumos. É mudança de princípios de manejo que reconhece e utiliza processos ecológicos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber, identificar e qualificar que a Economia Popular Solidária pratica uma economia que deixa de ser um fenômeno econômico isolado e assume aqui, através deste estudo de caso da Feira Agroecológica Raízes do Campo, um adensamento ecológico. Este adensamento é caracterizado pela agricultura familiar que ao inserir mudanças de modelo contra-hegemônico de produção agrícola, busca a preservação ambiental e cria mercado diferenciado. Na proposta da Feira, a agroecologia é encarada como resposta para o desenvolvimento rural sustentável, em que os agricultores produzem sem usar agrotóxicos, respeitam a natureza e preservam as águas e solos saudáveis, oferecendo produtos de qualidade que não prejudicam a nossa saúde. Desta maneira, melhorar a qualidade de vida das pessoas respeitando os limites da capacidade de suporte dos ecossistemas.

Conclui-se que a maneira autogestionária e o discurso coletivo do modelo de economia popular solidária ampliam as formas do fazer, do trabalho, de perceber seus conteúdos. Contribui para a conservação ambiental na medida em que seu modelo produtivo enxerga o ambiente como parte de seus valores culturais. A educação e conservação ambiental, o resgate de saberes e culturas tradicionais são dimensões da economia popular solidária praticada na Feira Agroecológica Raízes do Campo. Esse entrelaço de dimensões, obteve como resposta dos participantes da Feira a busca por capacitação, informação e segurança alimentar em sua proposta de desenvolvimento sustentável. Para obter o desenvolvimento sustentável, a proteção do meio ambiente deve ser entendida como parte integrante do processo de desenvolvimento e não pode ser considerada isoladamente.

As questões pesquisadas junto ao município obtiveram respostas, de tal maneira, que se pode perceber a influência da Feira na compreensão e percepção ecológica do município. Também é forte a opinião do município favoravelmente às atividades da Feira Agroecológica Raízes do Campo e da AMANU, respondendo à pergunta e confirmando a hipótese levantada por este trabalho.

Alcançar a dignidade e a cidadania também no aporte político municipal em prol de ações de melhoria socioambientais no município é o que mostra a carta de intenções, “Jaboticatubas mais justa e ecológica”, ação de cidadania proposta pela AMANU aos candidatos ao pleito eleitoral de 2016. Fomentar o diálogo na

construção e planejamento do município no reconhecimento das demandas das comunidades e da participação social. Neste panorama, também pode-se observar que conforme a revisão do Plano Diretor de Jaboticatubas é política municipal estimular a participação e contribuição da iniciativa privada, das cooperativas e associações, das fundações e instituições não governamentais, na promoção de empreendimentos e eventos culturais, bem como na manutenção, restauração e ampliação da oferta de equipamentos e sistemas públicos culturais.

Na realidade brasileira parece que se instalou um paradoxo na relação poder público e sociedade em cumprir proposições públicas e promover o bem comum. No cenário, o que se vê, no entanto, é a crescente descaracterização territorial rural e a falta de consulta popular nas ações municipais.

Deve-se incentivar uma cultura que busque procedimentos democráticos, aqui manifestados, através da Economia Popular Solidária que por meio do modelo agroecológico apresenta proposição de sustentabilidade na economia rural. Além de experiência autogestionária democrática, também mostra expressa participação da mulher no cenário da Feira, onde assumem uma compreensão ambiental e se mostram num amadurecimento em torno do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade socioambiental.

Embora a pesquisa não tenha contemplado o raio territorial e número de entrevistados conforme planejado por motivos operacionais, mesmo assim, foi capaz de agregar informações e pontos de vista que possibilitaram atender aos objetivos propostos. As limitações apresentadas não impactaram a análise e, por outro lado, uma forma de contornar tais limitações e ampliar a validade deste estudo foi realizar cruzamentos entre marco teórico, entrevistas e dados obtidos, assim também de informações de observações em loco.

Ao identificar participantes da Feira, o que e como produz; sua realidade antes e pós Feira; se realizou transição de modelo produtivo e benefícios identificados; possibilitarão a sistematização de informações sobre alterações e mudanças no contexto produtivo e ambiental atendendo aos objetivos específicos do trabalho.

A biodiversidade, a poluição, o lixo e a falta d'água, como o esgotamento dos recursos naturais em sua exploração, exigem maneira mais aberta aos interesses do bem comum. As políticas públicas precisam garantir a promoção da conservação e

construção de espaços de diálogo onde é possível construir a propósito de valores de novos modelos de desenvolvimento e governança econômica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Recente Ressurreição da Economia Solidária no Brasil. Entrevista com P.SINGER. SP. 2006. Economia solidária. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/97249564/A-recente-ressurreicao-da-economia-solidaria-no-Brasil>. Acessado em 02/05/2017.
- ALIER, M. J. Economia e Ecologia - questões fundamentais. Fevereiro. 2011. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_07/rbcs07_05.htm. Acessado em 6/6/17.
- ALMEIDA. J. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. Porto Alegre, 18 a 22 de setembro de 1995.
- AMANU – EDUCAÇÃO, ECOLOGIA E SOLIDARIEDADE. Disponível em <https://pt-br.facebook.com/faceamanu/>. Acessado em: 16/04/2017.
- DUARTE, Regina Horta. História e Natureza. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 111p.
- DUPUY, J. Introdução à crítica da ecologia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. (cap. 1 - Da ecologia à crítica radical da sociedade industrial, p.15-37).
- Feira Agroecológica Raízes do Campo – Jaboticatubas. Disponível em: <http://feirajabo.wixsite.com/raizesdocampo>. Acessado em: 02/04/2017.
- FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. Civitas – Rev. de Ciências Sociais, v. 7, n. 1, jan.-jun. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/civitas/article/view/2041/6910>. Acessado em: 04/2017.
- IBGE. Dados gerais sobre Jaboticatubas. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=313460>. Acessado em 04/06/2017.
- LÉVY, P. A Inteligência Coletiva. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.
- LIPIETZ, Alain. A ecologia política e o futuro do Marxismo. Ambiente & Sociedade - Vol. V – no2 - ago./dez. 2002 - Vol. VI – no 1 - jan./jul. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v5n2/a02v5n2.pdf>. Acesso em 26/06/2017.
- LIPIETZ, Alain. A ecologia política: solução para a crise da instância política? In: ALIMONDA, H. (Ed.). Ecologia política. Ecologia política Buenos Aires: CLACSO, 2002. Disponível em: <http://www.biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D2527.dir/2lipietz.pdf>. Acesso em 26 de abril de 2017.
- MACEDO, F. F. Dinâmica do Uso e Ocupação do Solo em Jaboticatubas/MG: Mercantilização da Natureza como Agente de Expansão Urbana. 2009. Disponível em: www.biblioteca.pucminas.br/teses/TratInfEspacial_MacedoFF_1.pdf. Acessado em: 06/2017.

Memórias de um caminho. RELATÓRIO FINAL DE AVALIAÇÃO DO CENTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO E APOIO À ASSESSORIA TÉCNICA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA – REDE CFES. CÁRITAS BRASILEIRA. Brasília. 2017

PIB Municipal de Jaboticatubas. 2012. Disponível em: http://www.ftp.ibge.gov.br/Pib_Municipios/2012/base/base_1999_2012_xlsx.zip. Acessado em: 26/08/2017.

Prefeitura de Jaboticatubas. Disponível em <http://www.jaboticatubas.mg.gov.br>. Acessado em 21/04/17.

SACHS, W. (ed.). "Introdução" e "Meio Ambiente". O Dicionário do Desenvolvimento. São Paulo: Editora Vozes, 2000.

VEIGA, José Eli da; Desenvolvimento sustentável – o desafio do séc. XXI. Editora Garamond, Rio de Janeiro, 2005.

ANEXO 1 - Tabela 1- Alguns produtos comercializados na Feira

Nome popular Produto/Planta	Forma de disposição
Abóboras	<i>In natura</i>
Açafrão	<i>In natura</i>
Acerola	<i>In natura</i>
Agrião	<i>In natura</i>
Água-ardente	Litro
Alface	<i>In natura</i>
Alho-porro	<i>In natura</i>
Almeirão	<i>In natura</i>
Arroz integral	<i>In natura</i>
Arroz vermelho	<i>In natura</i>
Artesanatos com madeira, tecido e palha.	Móveis, decoração e utilidades
Banana	<i>In natura</i>
Biscoito	Assados e fritos
Bolinho de feijão	Frito na hora
Broto de bambu	Em conserva em vidro
Cajuzinho do Cerrado	<i>In natura</i>
Caldo de cana	Cana é moída na hora
Carambola	<i>In natura</i>
Cebolinha	<i>In natura e em conserva</i>
Choriço	Fresco
Coentro	<i>In natura</i>
Couve	<i>In natura</i>
Doces de frutos do cerrado	Vidro, barra e ensacado.
Espinafre	<i>In natura</i>
Feijões: (andu, carioquinha, rosa, roxo)	<i>In natura</i>
Frango caipira	Abatido/congelado/fresco
Jatobá	<i>In natura / Doce</i>
Jurubeba	<i>In natura</i>
Laranja	<i>In natura</i>
Lichia	<i>In natura</i>
Limão	<i>In natura</i>
Linguíça de porco	Fresco
Mamão	<i>In natura</i>
Mandioca	<i>In natura</i>
Manga	<i>In natura</i>
Manjerição	<i>In natura</i>
Manteiga	Fresco
Maracujá	<i>In natura</i>
Maxixe	<i>In natura</i>
Mexerica	<i>In natura</i>
Mostarda	<i>In natura</i>
Muda de plantas	Mudas
Ora-pro-nóbis	<i>In natura</i>
Ovo caipira	<i>In natura</i>
Pães	Assados
PANCs: Cansação, taioba, maxixe, ora-pro-nóbis, mamão verde, serralha.	<i>In natura</i>
Pastel	Frito na hora
Pastel de angu	Frito na hora
Pequi	<i>In natura e conserva</i>
Pimentas malagueta e biquinho	<i>In natura e em conserva</i>
Queijos	Frescos
Quiabo	<i>In natura</i>
Requeijão	Fresco
Salsinha	<i>In natura</i>
Taioba	<i>In natura</i>
Tomate	<i>In natura</i>
Urucum	<i>In natura e moído.</i>